

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014



Editor Científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2014

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor João Zilhão (Universidade de Barcelona e ICREA)
- Doutor Laure Salanova (CNRS, Paris)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professor Doutor Rui Morais (Universidade do Minho)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 21 • 2014 ISSN: 0872-6086

EDITOR CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA - Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO - Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2745-615 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO - M. Fernandes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Gráficas Amares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

**A NECRÓPOLE DO OLIVAL DO SENHOR DOS MÁRTIRES
(ALCÁCER DO SAL). NOVOS ELEMENTOS PARA O SEU ESTUDO**

***THE NECROPOLIS OF OLIVAL DO SENHOR DOS MÁRTIRES
(ALCÁCER DO SAL, PORTUGAL). NEW DATA***

António Manuel Cavaleiro Paixão

(nota introdutória e organização de João Luís Cardoso)

Abstract

In this article we present a selection of the most relevant data that A. M. Cavaleiro Paixão presented in 1970 in his graduate thesis he defended at Faculdade de Letras de Lisboa (Lisbon Faculty of Letters) about his archaeological fieldwork at the Iron Age necropolis of Olival do Senhor dos Mártires.

This text was never published and 45 years later the important scientific interest of these excavations and its results remains and is even higher, due to the fact that in the last decades there has been an increasing knowledge of the Iron Age necropolis in southern Iberian Peninsula.

Although the necropolis area excavated between 1966 and 1968 was small, the importance of the identified incineration graves and the recovered archaeological remains, carefully registered and characterized give to this work a major importance to the study of Iron Age, both in the Portuguese territory, as in southern Iberian peninsula.

This necropolis was first excavated during late 19th century and can be dated from the 7th to the 4th century BC, with influences from hinterland and Mediterranean as Cavaleiro Paixão already mentioned in his graduate thesis.

Keywords: Alcácer do Sal, Cavaleiro Paixão, incineration graves, Iron Age, Portugal.

NOTA INTRODUTÓRIA

1 – Este trabalho corresponde à publicação de parte da tese de Licenciatura em Ciências Históricas apresentada por António Manuel Cavaleiro Paixão à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa em 1970, perante um júri constituído pelos Professores Virgínia Rau, Jorge Borges de Macedo e Fernando de Almeida.

Falecido o Dr. António Cavaleiro Paixão no final da Primavera de 2014, após doença incapacitante que o prostrou nos últimos dez anos de vida, impunha-se criação de condições para a publicação deste estudo, cuja razão imediata da sua existência reside na certeza de que não se poderia adiar por mais tempo a disponibilização alargada dos notáveis resultados nele contidos, cumprindo-se assim, também, o desejo da Dr. Judite Cavaleiro Paixão, sua dedicada Esposa. Com efeito, apesar do notável interesse científico das escavações por ele realizadas na necrópole sadina, ainda como estudante, no decurso dos anos de 1966, 1967 e 1968, e não obstante o exemplar registo gráfico e descrição de cada uma das sepulturas então identificadas e dos respectivos espólios, 45 passados sobre a defesa da tese, a mesma aguardava a merecida publicação. Apenas foram

dados a conhecer os escaravelhos recuperados nas escavações (PAIXÃO, 1970), somando-se a publicação de outros, ulteriormente recolhidos nas escavações por si dirigidas na mesma necrópole em 1980 (PAIXÃO, 1983). Contudo, o trabalho publicado em 1970 não integra nenhum desenho ou fotografia das escavações e o de 1983 reproduz apenas a planta geral das sepulturas postas a descoberto em 1980, acompanhada da planta da sepultura que forneceu o novo exemplar de escaravelho (sepultura n.º 2). Anos depois, seguiu-se a publicação da planta da sepultura n.º 3, igualmente escavada em 1980 (PAIXÃO, 2001).

A partir do exemplar dactilografado conservado no Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa, disponibilizado pela Doutora Ana Margarida Arruda, reproduziram-se as fotografias inseridas na tese, já que a Biblioteca da Faculdade de Letras de Lisboa não conserva nenhum exemplar da mesma. Por sua vez, deve-se à gentileza da Dr.ª Fernanda Torquato, responsável pela Biblioteca da DGPC, o acesso ao exemplar fotocopiado ali existente, oriundo do fundo do Instituto Arqueológico Alemão, delegação de Lisboa. Ambos os exemplares se completam, porquanto o primeiro, possuindo embora as fotografias originais obtidas durante as escavações, não conserva alguns desenhos dos espólios arqueológicos reproduzidos, existentes apenas no exemplar da Biblioteca da DGPC. Deve-se ao empenho de Bernardo Lam Bruno Ferreira, desenhador de arqueologia do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras) o exigente trabalho de transformar peças desenhadas correspondentes a fotocópias de má qualidade, em originais susceptíveis de serem publicados.

2 – Da tese, foram seleccionados, para além do Prefácio e da historiografia da estação arqueológica, os resultados das escavações que o Dr. Cavaleiro Paixão empreendeu nas sepulturas de incineração da Idade do Ferro por si exploradas, seguindo-se o capítulo dedicado à caracterização do ritual funerário utilizado e, finalmente a transcrição, igualmente na íntegra, do capítulo final, onde se apresentam as principais conclusões obtidas. Deu-se, deste modo prioridade à publicação dos dados de observação directamente registados no terreno, os quais, pela sua natureza específica, mantinham intacta a originalidade e actualidade.

Não foram transcritas as partes da tese já ultrapassadas, como as respeitantes à discussão da tipologia das diversas categorias de artefactos exumados, bem como às comparações dos mesmos, por entretanto, no decurso destes últimos 45 anos, muitos outros trabalhos relevantes terem sido dados à estampa. Também não se transcreveram as considerações sobre o ritual da incineração, pelas mesmas razões, nem a descrição das intervenções no sector romano da necrópole sadina, por já ultrapassarem os objectivos previamente definidos desta publicação. Ao contrário, as conclusões foram transcritas na íntegra: embora já em parte desactualizadas graças aos recentes avanços dos conhecimentos sobre os primórdios da presença oriental para além das Colunas de Hércules, permitem ainda entrever o rigor e a profundidade da análise efectuada pelo então jovem e promissor arqueólogo, com base nos dados de observação por si recolhidos e na bibliografia a que teve acesso, em Portugal e no País vizinho. Com efeito, na época, não teria sido possível fazer melhor, denunciando o talento arqueológico do seu autor.

A transcrição efectuada do texto seguiu a ortografia original, e não atendeu a algumas anotações autógrafas, escritas à margem, observadas tanto no seu exemplar pessoal, consultado na Direcção Regional de Cultura de Évora, em Fevereiro de 2015, por cortesia do Dr. António Carlos Silva, como no exemplar fotocopiado pertencente à biblioteca da DGPC, que se admite ser cópia daquele. Procedeu-se, outrossim, à reprodução de quase todas as fotografias e desenhos relacionados com as escavações das sepulturas da Idade do Ferro então exploradas, e que bem evidenciam a excelência do trabalho de campo realizado.

Esta publicação constitui, pois, pela sua relevância ímpar, um serviço que se presta a todos os investigadores da Idade do Ferro da Península Ibérica, dado o seu evidente interesse científico, e um preito de homenagem à memória do Dr. António Cavaleiro Paixão, que só a sua modéstia e espírito perfeccionista terá impedido de lhe dar a merecida publicidade. Sabe-se que o mesmo acalentou a ideia de preparar sobre a célebre necrópole de Alcácer do Sal a sua tese de Doutoramento, com base nos trabalhos que ao longo dos anos ali dirigiu, o que terá justificado a não publicação dos resultados ali obtidos na década de 1960; mas os afazeres da sua vida profissional, somaram-se à prolongada doença que o atingiu nos dez últimos anos de vida, justificando o desfecho conhecido. Com feito, os dados de observação são de alta importância científica, situando-se sem favor entre os contributos mais relevantes para o conhecimento da arqueologia funerária da Idade do Ferro da Península Ibérica sendo, sem dúvida, os mais importantes dos até hoje identificados no território português. Uma súpula dos resultados obtidos nas sucessivas intervenções realizadas na necrópole sadina, desde os primórdios da sua investigação, no século XIX e, sobretudo, a caracterização do seu enquadramento arqueológico no contexto peninsular, acabada de publicar (GOMES, 2015), justifica plenamente aquela afirmação.

3 – Do Processo Individual, consultado pelo signatário na DGPC a 24 de Fevereiro de 2015, por deferência do Dr. José Pereira da Rosa, a quem cumpre agradecer, respiga-se a informação a seguir apresentada.

O Dr. António Manuel Cavaleiro Paixão nasceu a 23 de Abril de 1939 em Lisboa e desposou a 2 de Setembro de 1970 a Dr. Judite Cavaleiro Paixão, dedicada companheira de toda a sua vida, concluída a licenciatura em História, com 14 valores, a 29 de Julho do mesmo ano. Ainda como aluno finalista, estagiou na Secção de Pré-História do Centro de Estudos de Antropobiologia da Junta de Investigações do Ultramar entre 18 de Maio de 1970 e 31 de Dezembro de 1971, conforme declaração passada pelo seu então Director, o Dr. Miguel Ramos. A ligação à Arqueologia e ao referido arqueólogo remonta aos finais da década de 1950, pois já então tinha participado, com o mesmo, com Carl Harpsoe e outros companheiros, nas escavações da Lorga de Dine, e nas escavações realizadas na gruta de Ibne-Amar. Mais tarde, participou no levantamento das pinturas paleolíticas da gruta do Escoural, com o Padre Glory, falecido em brutal acidente de automóvel pouco tempo depois, bem como nas escavações do povoado fortificado do Zambujal. Os seus méritos não passaram despercebidos aos responsáveis pelas mesmas, Os Doutores Hermanfrid Schubart e Edward Sangmeister, o que justificou ulterior convite para participação nas escavações de Toscanos em 1965 e, a convite de Bernabó Brea, em Lipari.

Entretanto, com base na experiência recolhida nas escavações referidas, iniciou em 1966 escavações na necrópole do Olival do Senhor dos Mártires, que prossegue em 1967 e 1968, recolhendo por tal via os elementos necessários para a sua tese de Licenciatura.

Em 1968 efectuou escavações no núcleo de sepulturas paleocristãs de Tróia.

Em 1970 estagiou no Instituto Arqueológico Alemão (Delegação de Madrid) para recolher elementos bibliográficos para a sua tese de Licenciatura e, em 1974, na universidade de Witwatersrand, na República da África do Sul, sendo então já Assistente da Universidade de Lourenço Marques, onde ingressou em 1971. Ali leccionou as disciplinas de Pré-História, História da Antiguidade Oriental, História do Brasil e História da Expansão Portuguesa.

Com a descolonização, viu-se obrigado a rescindir contrato com a referida Universidade, a 30 de Setembro de 1974. De novo em Lisboa, iniciou funções docentes na Escola Preparatória Nuno Gonçalves, a 31 de Outubro

de 1975, onde permaneceu pouco tempo, já que, a 15 de Julho de 1976 foi publicada em Diário da República a sua contratação como Técnico Especialista do Quadro do Ministério da Comunicação Social, para exercer funções na Secretaria de Estado da Cultura.

O seu ingresso naquela Secretaria de Estado culminou um longo processo iniciado muitos meses antes. Com efeito, remonta a 16 de Junho de 1975 a realização de reunião promovida pela Direcção Geral dos Assuntos Culturais, dedicada à análise da situação na estação arqueológica de Tróia, na qual se discutiu a contratação dos Drs. António e Judite Cavaleiro Paixão para se encarregarem do estudo e valorização da mesma. Estes, a 13 de Dezembro de 1975, manifestaram, por carta endereçada ao Director Geral, a sua disponibilidade para exercerem aquela função, dado que, desde Maio daquele ano, vinham ali realizando escavações, integrados no grupo de arqueólogos que ali trabalhava.

O processo seguiu os seus trâmites, e, a partir de 1 de Janeiro de 1976, é proposto pelo Adjunto daquela Direcção Geral, o Dr. Nunes de Oliveira, que ambos integrem, como arqueólogos, aquela Direcção Geral, tendo em vista o “estabelecimento do inventário do Património Arqueológico que abarque toda a sua distribuição geográfica no território nacional, de forma a que, a partir daí, se possam formular planos objectivos e concretos para uma política adequada do problema arqueológico”. Esta proposta, apesar de ter recolhido a concordância do Director Geral e do Secretário de Estado da Cultura, não teve efeitos imediatos. Só a partir de 16 de Julho de 1976, por despacho do referido Secretário de Estado, o Dr. David Mourão-Ferreira, foi o Dr. António Cavaleiro Paixão nomeado técnico-especialista daquela Direcção Geral. Esta situação permitiu que o Dr. Nunes de Oliveira, propusesse, a 27 de Julho de 1976, que o interessado passasse a “colaborar, a partir desta data, em regime de tempo integral, na elaboração da Carta Arqueológica de Portugal, nos assuntos referentes à sua especialidade e durante o tempo considerado necessário pela Comissão que superintende nos referidos trabalhos”.

A partir de então, o Dr. António Cavaleiro Paixão foi acumulando tempo de serviço, o que explica que, a 9 de Abril de 1979 tenha sido provido definitivamente como técnico-especialista da Secretaria e Estado da Cultura, por despacho do Secretário Geral, Dr. J. Carmelo Rosa, transitando a 11 de Março de 1981, para a categoria de Técnico Superior Principal do Quadro do Instituto Português do Património Cultural (IPPC), categoria de que tomou apenas posse a 6 de Agosto de 1981, e na qual se manteve por longos anos, pois só a 11 de Maio de 1999 foi aprovada a sua promoção a Assessor. Igualmente por concurso público documental, foi provido, a 23 de Dezembro de 2003, na categoria de Assessor Principal, antecedendo de perto a sua aposentação da Função Pública, obtida a 10 de Maio de 2004.

No decurso desse longo período de funções públicas, sempre como arqueólogo, fora integrado, episodicamente, no Museu Nacional de Arqueologia por proposta assinado pelo seu Director, o Dr. Francisco Alves, a 7 de Outubro de 1980, enquanto o Departamento de Arqueologia funcionou sob a égide daquele Museu, situação que se alterou logo em 1981, quando aquele foi integrado na dependência directa da Direcção do IPPC.

Com a criação do Instituto Português de Arqueologia (IPA), em 1996, o Dr. António Cavaleiro Paixão optou por transitar para o mesmo; nestes termos, o seu Director, Prof. João Zilhao, atendendo à “conveniência de continuar a assegurar, no quadro do IPPAR, a intervenção arqueológica no castelo de Alcácer do Sal, até à respectiva conclusão”, determinou a “manutenção no quadro do Instituto Português do Património Arquitectónico (IPPAR) até à publicação da lista nominativa dos funcionários que transitam para o IPA; inclusão nessa lista com a consequente mudança de Quadro; requisição por parte do IPPAR ao IPA pelo tempo necessário à conclusão da intervenção arqueológica em curso”.

A descrição do percurso técnico-profissional do Dr. António Cavaleiro Paixão tem o interesse de evidenciar, ainda que indirectamente, a forma como se organizou a actividade arqueológica em Portugal após a instauração da Democracia, de que foi um dos protagonistas. Com efeito, ao ingressar, a 15 de Julho de 1976, como técnico-especialista, na Direcção Geral dos Assuntos Culturais, tornou-se no primeiro funcionário público contratado especificamente para exercer funções como arqueólogo, integrando a então Direcção Geral dos Assuntos Culturais; vinte anos depois, viria a confirmar tal opção, aquando da constituição do Quadro do IPA, depois de ter integrado os Quadros do IPPC e do IPPAR, vindo a terminar a sua carreira como Assessor Principal do IPPAR, em 2004.

4 – No decurso da sua longa carreira como arqueólogo dos sucessivos órgãos que tutelaram a gestão do Património arqueológico em Portugal, o Dr. António Cavaleiro Paixão desenvolveu uma intensa actividade. Assim, assegurou de novo escavações em Alcácer do Sal em 1978, 1979 e 1980.

Em 1981, por despacho do Secretário de Estado da Cultura, António Gomes de Pinho, datado de 12 de Setembro, passou a integrar comissão do IPPC para avaliação dos bens culturais existentes em todo o país

No Verão de 1989 orientou um campo internacional de Arqueologia em Tróia, estação que então se encontrava sob sua responsabilidade científica.

Nos primórdios da década de 1990 dirigiu as escavações realizadas na Igreja de S. Paulo, em Macau, a convite do Instituto Cultural de Macau, deslocando-se àquele território sob administração portuguesa por diversas vezes.

Na segunda metade da década de 1990, co-dirigiu as escavações realizadas no interior do convento de Aracoeli, em Alcácer do Sal, que conduziram à identificação de importantes contextos da Idade do Ferro e de épocas ulteriores.

Tais campanhas de escavação exigiam-lhe total disponibilidade, o que explica a necessidade de requerer, de forma recorrente, em anos sucessivos, alterações na marcação das férias, também para assegurar trabalhos arqueológicos em Tróia ou no Olival do Senhor dos Mártires, que se prolongaram até 2001, de acordo com as datas os pedidos que fazem parte do seu Processo Individual.

A capacidade de comunicação e o bom ambiente sempre gerado à sua volta, justificam os convites que recebeu para leccionar cursos universitários, retomando de alguma forma os primórdios da sua trajetória profissional. Remonta a 1989 o requerimento para acumulação de funções como Professor Auxiliar na Universidade Autónoma de Lisboa Luís de Camões, com coordenação e regência de disciplinas, o qual obteve parecer favorável do então Presidente do IPPC, o Prof. Antero Ferreira, antecedendo o despacho do Secretário de Estado da Cultura, de 9 de Agosto de 1990. Já em 1978 tinha leccionado diversas da área da História e da Arqueologia no então Instituto Universitário dos Açores, após autorização da referida acumulação, apesar das reservas então levantadas pelo Dr. Fernando Bandeira Ferreira, seu superior hierárquico.

O convite para leccionar na Universidade Autónoma de Lisboa partiu do então Vice-Presidente do IPPC, o Prof. Justino Mendes de Almeida, que esteve, provavelmente, também na origem do exercício da presidência da Secção de Arqueologia da Sociedade de Geografia de Lisboa, iniciada pela mesma altura. O seu gosto pela investigação o genuíno prazer do convívio estabelecido com colegas e alunos fê-lo ingressar, também, na Associação dos Arqueólogos Portugueses, e explica, por outro lado, a obra científica publicada, que poderia ser muito mais significativa, se tivesse sido outro o seu modo de estar na vida.

As publicações dos resultados das escavações que efectuou em Tróia e em Alcácer do Sal, são bem reveladoras do espírito cuidadoso e rigoroso, manifestado até à última obra de sua autoria, datada de 2001, onde procedeu à apresentação, em Colóquio organizado na Universidade Aberta, dos principais resultados arqueológicos obtidos entre 1993 e 1998, nas escavações do convento de Nossa Senhora de Aracaeli, em Alcácer do Sal.

5 – Conheci o Dr. António Cavaleiro Paixão em 1980 e, embora tivéssemos mantido episódicas relações de trabalho, unia-nos uma amizade genuína. Destaco o apoio por ele dispensado ao estudo da interessante estrutura de captação, elevação e armazenamento de água de Tróia, nas sucessivas deslocações efectuadas àquela estação arqueológica, de que resultou estudo publicado na revista *Conímbriga*, em co-autoria com António Quintela e José Manuel Mascarenhas, em 1993-1994, em volume de homenagem dedicado ao Dr. J. M. Bairrão Oleiro.

Recordo, também, uma visita efectuada ao povoado pré-histórico de Leceia, em 1988, na qualidade de arqueólogo do IPPC: a imponência das estruturas defensivas que então ali vinham a ser paulatinamente postas a descoberto causaram-lhe viva e alegre impressão, bem reveladora do genuíno interesse com que acompanhava o sucesso dos seus colegas, sem qualquer resquício de despeito mal disfarçado, como é ainda comum em oficiais do mesmo ofício.

Como declarei aquando do seu falecimento, em depoimento de que foi dado público conhecimento, a sua disponibilidade de espírito para colaborar com todos os seus colegas, levava-o a esquecer-se muitas vezes de si próprio, não valorizando os resultados das investigações arqueológicas que a si exclusivamente se deveram, por uma questão de educação e de feitio, descuidando assim a legítima valorização da sua prioridade científica.

Evitava a afirmação pública na primeira pessoa, e ao protagonismo, tantas vezes exacerbado que se observa em arqueólogos demasiadamente preocupados com a sua carreira e imagem pública, inversamente proporcional à solidez da sua obra científica, optava por actuação discreta, que não é incompatível, bem pelo contrário, com o empenho e o rigor, e, o que é mais, com a probidade e a qualidade científicas, que foram o traço permanente do arqueólogo e do investigador. Bastaria isso para o seu nome merecer esta evocação singela.

1 – PREFÁCIO

Desde sempre o cemitério pré-romano do Senhor dos Mártires, mais vulgarmente conhecido pelo nome de Necrópole de Alcácer do Sal, foi para nós motivo da maior curiosidade. Depois das escavações ali realizadas pelo Professor Vergílio Correia, há já mais de quarenta anos, o silêncio voltara a cair sobre aquela jazida da Idade do Ferro que, desde então, permanecera oculto num cerrado enigmatismo.

Quando, atraídos pela memória da riqueza arqueológica dessa estação, nos dedicámos ao estudo dos seus restos cerâmicos¹ estávamos longe de imaginar que em breve se viria satisfazer o desejo íntimo que, havia já vários anos, trazíamos connosco. Com o honroso convite do Senhor Professor D. Fernando de Almeida para efectuarmos escavações no Olival do Senhor do Mártires vimos aberto o caminho à concretização daquilo que nunca julgáramos possível.

Estimulados pela confiança que aquele Professor em nós depositou, demos início imediato às pesquisas como elemento agregado ao Museu Nacional de Arqueologia e Etnografia de Lisboa por que fomos subsidiados.

Foram condições importantes para o êxito daqueles trabalhos as facilidades concedidas pelo senhor Doutor Xavier Cartaxana do Amaral, Presidente da Câmara Municipal de Alcácer do Sal, assim como o prestimoso auxílio do Senhor Fausto de Oliveira Lança, homem sempre pronto a dar-nos a sua colaboração e que em sua casa nos albergou algumas vezes.

Ao senhor Manuel Bicha, proprietário do Olival do Senhor dos Mártires, temos a agradecer a compreensão com que sempre correspondeu às nossas solicitações, cedendo-nos mesmo, por vezes, alguns dos trabalhadores rurais que tinha ao seu serviço.

O estudo dos elementos materiais obtidos durante as várias campanhas de escavação efectuadas no Olival do Senhor dos Mártires não foi tarefa fácil. Na verdade, a dispersão destas peças pelos Museus Municipal de Alcácer do Sal, Nacional de Arqueologia e Etnologia e ainda pelo Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra obrigou-nos a várias deslocações e a uma estadia demorada em cada um desses locais, uma vez que tínhamos de proceder ao seu desenho e estudo minucioso.

Outra das dificuldades com que deparámos na elaboração desta tese foi a falta, nas nossas bibliotecas de bibliografia actualizada e de obras de síntese sobre a matéria. Por este motivo e porque considerámos absolutamente imprescindível conhecer o espólio de outras estações da mesma época, com o qual pudéssemos comparar o da Necrópole de Alcácer, deslocámo-nos a Madrid onde fomos cordialmente recebidos no Instituto Arqueológico Alemão.²

Frequentámos, também, a Biblioteca do Museu Arqueológico de Madrid, onde fomos atendidos com solicitude pelo Senhor Professor D. Martín Almagro, que se prontificou a auxiliar-nos em tudo aquilo que estivesse ao seu alcance.

¹Era nosso intuito inicial dedicarmo-nos ao estudo de todo o espólio encontrado antes e durante as escavações do Professor Vergílio Correia, mas a notícia de que uma colega de Coimbra, a Dr.^a Maria Antónia Brito, se havia ocupado já dos materiais metálicos daquela necrópole levou-nos a optar pelo estudo da respectiva cerâmica.

²Fomos encontrar ali tudo o que necessitávamos tanto em elementos bibliográficos como em material museológico. Por amável concessão do Director daquele Instituto Professor Schlunk e o nosso estimado e considerado amigo Dr. Hermanfrid Schubart estivemos ali albergados durante cerca de um mês. Foi-nos permitido dispor da respectiva biblioteca, mesmo para além das horas normais de serviço, o que nos permitiu a consulta de uma mais extensa bibliografia. Lamentamos não termos podido contactar, então, com o Professor Wilhelm Schüle, que nessa altura se encontrava ausente e com o qual desejaríamos ter trocado algumas impressões que, estamos certos, teriam sido para nós do maior proveito.

Durante a nossa estadia naquela cidade tivemos ainda a oportunidade de visitar o Instituto Central de Restauración, a cujo director Sr. Nieto Gallo agradecemos haver-nos possibilitado o estudo do espólio arqueológico de Ávila e de Granada, ali depositado para restauração. Tornamos os nossos agradecimentos extensivos ao Senhor Dr. D. José Sánchez Meseguer, que sempre nos acompanhou na visita a este Instituto, assim como ao Senhor Monteagudo, Director do Museu de Ávila, pelos seus úteis esclarecimentos sobre o material arqueológico do respectivo museu.

O plano do nosso trabalho sofreu várias modificações, desde o início até à adopção da sua forma definitiva, ditadas pela dificuldade de incluir os dados reunidos dentro dum esquema rígido, que não permitiria evidenciar alguns dos aspectos que consideramos mais representativos.

Gostaríamos de apresentar soluções concretas para alguns dos problemas suscitados pelo estudo desta necrópole e orientámos nesse sentido todo o nosso esforço. Julgamos ter atingido, pelo menos em parte, este objectivo.

Procurámos, sempre que possível, tirar conclusões no final de cada capítulo, tanto quanto à origem, evolução e distribuição geográfica do espólio, como determinar a sua cronologia.

A consciência da necessidade de, num trabalho de arqueologia – onde a descrição está muitas vezes sujeita a erros e imprecisões – se recorrer ao desenho e à fotografia, levou-nos a inserir nesta tese o maior número possível de plantas, desenhos e fotografias que permitissem uma mais elucidativa documentação dos dados escritos.

Porque seria injusto que os nossos agradecimentos visassem apenas os professores a cujo conselho recorremos para a mais correcta e eficiente laboração deste trabalho e porque durante os sucessivos anos de Faculdade nem sempre se torna possível testemunharmos aos nossos mestres a admiração e amizade que lhes dedicamos, aproveitamos a ocasião para englobá-los a todos no mesmo testemunho de gratidão por tudo aquilo em que contribuíram para a nossa formação.

Queremos agradecer especialmente ao Senhor Prof. Doutor D. Fernando de Almeida, a quem devemos a honra de nos ter cedido para tema da nossa tese um trabalho de tão grande envergadura e responsabilidade como é o da escavação da Necrópole de Alcácer do Sal, testemunhando-lhe o maior apreço pelo seu espírito sempre pronto a auxiliar todos quantos têm manifestado interesse pela actividade arqueológica.

Tornamos extensivos os nossos agradecimentos à Senhora Prof.^a Doutora D. Virgínia Rau pela dedicação que sempre votou aos seus alunos e pelo estímulo do seu exemplo de incansável actividade no campo da investigação.

Para o Senhor Professor Borges de Macedo os mais sinceros agradecimentos pela prontidão com que sempre acedeu em esclarecer as nossas dúvidas.

Agradecemos também ao Senhor Doutor Jorge Alarcão as facilidades que nos concedeu de fotografarmos e desenharmos todas as peças em exposição no Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras de Coimbra.

Este nosso agradecimento torna-se ainda extensivo a todos quantos, embora não citados aqui, de algum modo nos ajudaram na execução deste trabalho.

2 – NOTÍCIA HISTÓRICA E ARQUEOLÓGICA

Situa-se a Necrópole a cerca de 1 km da vila de Alcácer do Sal, sobre uma das colinas que se estendem para ocidente, ladeadas a pouca distância pelo caudal do Sado (**Fig. 1**).

Quem subir as muralhas arruinadas que coroam a parte alta da vila e percorrer com a vista o horizonte a poente poderá, não sem alguma dificuldade, avistar, por entre as densas copas das oliveiras, na capela octo-



Fig. 1 – Fotografia aérea vertical com a localização estimada da necrópole do Olival do Senhor dos Mártires (círculo maior) e com a localização da área investigada por António Cavaleiro Paixão.

gonal do Senhor dos Mártires³ que, edificada no centro da Necrópole, constitui ponto de referência importante para a sua localização. Obra dos espatários de Santiago, foi levantada em 1333 pelo cavaleiro e mestre D. Garcia Peres e dedicada a S. Bartolomeu.

³Anteriormente, o orago era a “Senhora dos Mártires”, como se depreende das “visitações quinhentistas”. Segundo parece, a actual designação não deve ter sido utilizada, senão a partir do século XVII.

Quando da abertura dos seus alicerces, encontraram-se ossadas que, por se julgar serem de mártires cristãos, foram mandadas recolher pelo fundador, inscrevendo-se o facto numa lápide que ficou engastada nos panos murais do santuário. Dizia assim o letreiro: “Aqⁱ iaz . a osada . ã acharon . nos fundamentos desta . capela e omaestre . dom. Garcia Periz . por lhis satisfazer . mandou. que a nom. tirem”.⁴

É esta a primeira notícia histórica que possuímos acerca da necrópole antiga dos Mártires, pois, com toda a probabilidade, as ossadas procediam de sepulturas arcaicas existentes na zona dos alicerces.

Muitos anos passaram sem que alguma cava mais funda trouxesse à luz do sol vestígios materiais dos antiquíssimos enterramentos.

Em 1875, porém, o então Presidente da Associação dos Arquitectos e Arqueólogos de Lisboa Senhor Joaquim Possidónio da Silva refere o seguinte: “[...] no mês do ano findo (1874), em Alcácer do Sal (antiga Salacia), na propriedade do Senhor António de Faria Gentil, querendo-se nivelar um terreno ocupado por um olival, a fim de estabelecer um calçadouro para uma eira, removendo-se a terra necessária para tornar a superfície horizontal, se descobriu na profundidade de 0,25 metros, freios de ferro e folhas de espadas, algumas das quais com punhos de bronze cinzelados, fibulas de bronze, vasos lacrimatórios, lâmpadas mortuárias de barro, moedas, etc., etc.”.⁵

Além dos objectos atrás mencionados, figuravam ainda “um retrato de argila coberto de estuque colorido, de toda a perfeição, além de quatro urnas de diversas grandezas, no estilo etrusco, contendo cinzas”.

Por descuido, ou intencionalmente, os trabalhadores quebraram duas destas urnas, salvando-se, felizmente, a maior e mais bem conservada.

Em sessão da Secção de Arqueologia do Instituto de Coimbra, de 28 de Maio de 1876,⁶ o Dr. Augusto Simões refere o importante achado, especificando que os vasos intactos são um *acetabulum* ou *oxybaphon* e um *pelike*, no último dos quais era já difícil classificar os motivos ornamentais representados de uma e outra parte do bojo.

Também por ele são apontados outros objectos de barro, como sejam vasos ordinários de várias formas e dimensões, lâmpadas, algumas das quais com os nomes dos fabricantes, discos furados no centro, de que a maior parte são lisos, embora certos deles apresentem ornamentos geométricos.

Entre os objectos mencionados há-os também de ferro, como sejam: espadas de várias formas, pontas de lança e de frecha e lanças inteiras (todos estes objectos retorcidos ou encurvados), freios de cavalo, folhas de facas ou navalhas e o círculo da roda de um carro e um bucil de bronze que cobria uma das extremidades do eixo.

“De bronze apareceram também fibulas, pregos, um ornato à maneira de disco radiado, um tubo recurvado, oco, tendo enfiados muitos objectos à maneira de pingentes, também ocos, parecendo um daqueles annulos que suspendiam nos berços das crianças, para as adormecer com o tinido metálico.”⁷

Refere ainda o senhor Dr. Filipe Simões o aparecimento de várias moedas de cobre, que iriam desde o princípio do Império até aos Antoninos, de uma pequena moeda de prata bizantina, assim como alguns unguentários inteiros, ou fragmentados, com vestígios da acção do fogo. De entre os objectos por ele apontados são de assinalar os fragmentos de uma caixa de marfim representando, em escultura de baixo-relevo, o combate de uma figura alada com um leão; uma caixa de chumbo contendo ossos parcialmente queimados e um anel de fio de ouro, enrolado em espiral de poucas voltas.

⁴ Vergílio Correia, *Monumentos e Esculturas*, 2.^a edição. Lisboa, 1924, p. 146.

⁵ Joaquim Possidónio da Silva, “Uma Necrópolis Romana em Portugal”. *Boletim da Real Associação dos Arqueólogos Portugueses*, Vol. I, n.º 6, 1875, p. 91.

⁶ *O Instituto*, Vol. XXIII, 2.^a série, n.ºs 1 a 6, Coimbra, 1876, p. 192-194.

⁷ *O Instituto*, cit., p. 194.

Demonstrando a presença do homem pré-histórico naquelas zonas, apareceu ainda um pequeno machado de pedra polida.

Achados deste teor, e em tão grande número, logo fizeram suspeitar da existência, naquele local, de uma importante necrópole.

Dois anos depois da descoberta (1876), foi firmada uma escritura entre o proprietário do terreno António de Faria Gentil e o marquês de Sousa Holstein, então vice-inspector da Academia de Belas Artes de Lisboa, segundo a qual a Academia ficaria de posse do espólio encontrado, assim como de todos os objectos “que por livre exploração, concedida ao dito vice-inspector da Academia de Belas Artes, houvessem de ser descobertos”,⁸ mediante a entrega de três mil escudos, pagáveis em prestações.

Através de uma carta enviada por António Faria Gentil ao marquês de Holstein, sabemos que o iate Nova Esperança, de que era capitão José de Oliveira Praça, teria descarregado, na Ribeira Velha, três caixotes, contendo aquele material arqueológico. Porém, a consulta do livro das receitas e das despesas da Academia não faz, infelizmente, qualquer referência detalhada sobre os objectos transaccionados.⁹

Passado algum tempo, levantou-se um litígio entre o estado e o proprietário do terreno. Com efeito, em acta de 3 de Outubro de 1878, a Conferência da Academia declarava que, por não ter conhecimento de vários contratos feitos pelo marquês de Sousa Holstein, então já falecido, “não tomaria ingerência neste assunto, enquanto não fosse superiormente autorizada”.¹⁰

Em 30 de Novembro desse mesmo ano, o problema ainda não tinha solução oficial e, extinto o último prazo para o pagamento do espólio arqueológico, apenas se haviam pago mil, setecentos e vinte e sete escudos e cinquenta centavos, ou seja, aproximadamente, metade da quantia estipulada.

A pedido da referida Academia, Estácio da Veiga e Carlos Teixeira de Aragão elaboraram uma lista de todos os objectos encontrados, vindo a publicar o primeiro, nas *Antiguidades Monumentais do Algarve* “somente aqueles que, nos terrenos do Sr. António de Faria Gentil, perto de Alcácer do Sal, caracterizam uma estação da primeira idade do ferro”.¹¹

Leite de Vasconcelos que, em 1885, cotejou duas listas de objectos deixados por aquele arqueólogo, uma extraída da escritura de venda e outra elaborada à vista dos objectos, teve oportunidade de verificar que não coincidiam entre si.¹²

Entretanto, a notícia da descoberta tinha chegado ao conhecimento da arqueologia estrangeira e Cartailhac que, quando do Congresso Internacional de Antropologia Arqueologia Pré-Histórica, realizado em Lisboa, em 1880, se deslocara a Portugal, teve a oportunidade de examinar o espólio da Necrópole de Alcácer do Sal, por cujo estudo se interessou.

Tempos depois de ter regressado a França, em carta dirigida a Possidónio da Silva (1885), pedia-lhe que fotografasse os objectos que se encontravam guardados num baú e que, durante a sua estadia em Lisboa, não tinha tido oportunidade de desenhar. Satisfeita a sua pretensão, veio a verificar-se que os objectos fotografados não correspondiam, de um modo geral, aos estudados por Cartailhac, pelo que é de suspeitar que alguns tivessem desaparecido, sumidos no gabinete de um curioso e perdidos para a Ciência.

⁸Sebastião Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, Vol. IV.

⁹Maria de Lourdes Costa Arthur, “Máscara de Alcácer do Sal”. *Archivo Español de Arqueología*, XX-IX, 1956 (1.º e 2.º semestres), Madrid.

¹⁰Acta de 3.10.1878, da Academia Nacional de Belas Artes.

¹¹Estácio da Veiga, *ob. cit.*, p. 266.

¹²Leite de Vasconcelos, “Excursão Arqueológica a Alcácer do Sal”. *O Archeólogo Português*, Vol. I, Lisboa, 1895, p. 78.

Como refere Cartailhac, “o que o venerável presidente da Sociedade real dos Arqueólogos e Arquitectos Portugueses pôde encontrar e pôr no seu lugar, no seu Museu do Carmo, reduz-se a uma dúzia de lanças de alvado, a três espadas de antenas, pouco mais ou menos parecidas com as dos Pirenéus, do Lot, do Tarn, a vasilhas de cerâmica pintada italo-gregas e, por fim, a alguns objectos menos antigos”.¹³

Como seria de esperar, e porque o Estado não chegou a cumprir com a sua obrigação, satisfazendo aquilo a que se comprometera, nunca se realizaram escavações oficiais no Olival do Senhor dos Mártires.

Durante um período de cerca de vinte anos, não mais se ouviu falar da Necrópole de Alcácer até que, em 1894, “ao surribrar-se para plantação de vinha uma porção de terreno, a norte da igreja, novamente Faria Gentil se encontrou possessor de vários objectos arqueológicos, recolhidos durante a cava”.

Do destino deste espólio nos dá notícia o Sr. Joaquim Correia Baptista, director dedicado do então recém-criado Museu de Alcácer que, no Vol. II de *O Arqueólogo Português* (1896, p. 143-44) a ele se refere, declarando que o proprietário “da melhor vontade permitiu que os objectos ficassem no Museu Municipal que, com estas e outras ofertas, dignas dos maiores encómios, se vai sucessivamente engrandecendo”.

Além destas peças, também ali deram entrada algumas das que, provenientes da primeira escavação, o proprietário conservara consigo como recordação e igualmente doou.

No ano de 1925, os materiais arqueológicos de Alcácer do Sal encontravam-se dispersos pelos museus do Carmo, onde Possidónio da Silva mantinha em exposição alguns exemplares, pelo de Alcácer do Sal que, dentro da sua modéstia provincial era um dos mais ricos de além-Tejo, pelo de Évora, onde Cartailhac assinala a existência de uma espada e uma lança dobradas, e ainda pelo Museu Etnológico de Belém, onde se acumulava a massa mais importante dos achados.

Pelo rápido exame de todo este espólio, fácil foi verificar que dele faziam parte tanto objectos da época romana como pré-romana, mas as indicações fornecidas quanto à sua localização eram de tal modo vagas e imprecisas que pouca utilidade poderiam ter para a reconstituição do respectivo contexto arqueológico.

Cerca de cinquenta anos passaram sobre o momento em que, pela primeira vez, a enxada de um trabalhador arrancara à terra do Senhor dos Mártires tão antigos objectos.

O interesse que a sua descoberta então suscitara, e que o tempo tinha feito esmorecer, voltou a reavivar-se com os trabalhos de escavação ali levados a efeito pelo Professor Vergílio Correia.

O que sabemos acerca das suas actividades arqueológicas na necrópole pré-romana do Senhor dos Mártires é-nos dado pelas conferências por ele proferidas ou através de uma ou outra publicação.

Era intenção do ilustre professor e arqueólogo de Coimbra publicar uma obra de conjunto sobre toda a sua actividade arqueológica nesta área. Porém, a morte colheu-o antes que pudesse dedicar-se a esse empreendimento, que, estamos certos, viria lançar muita luz sobre o problema da Idade do Ferro em Portugal.

Não obstante a inexistência de uma publicação de conjunto, os seus artigos e conferências revelam-se de um valor inestimável para o conhecimento daquela jazida arqueológica.

Os trabalhos de exploração, iniciados em Fevereiro de 1925, prolongaram-se pelos meses de Março, Abril e Maio, e ainda pelo Outono do mesmo ano.

Em 1926 e 1927 novas campanhas se realizaram, sendo a deste último ano a derradeira, que terminou em meados de Abril.

Apesar dos numerosos elementos obtidos ao fim de todas estas campanhas, Vergílio Correia reconhecia que nada se tinha conseguido ainda no sentido de diminuir o vasto campo de conjecturas e hipóteses, que constituíam a única resposta possível para as questões cronológicas e culturais levantadas pela exploração daquela

¹³ Cartailhac, *Les Âges Préhistoriques de l'Espagne et du Portugal*. Paris, 1886, p. 252.

necrópole: “Em tanta pedra removida, e tanto fragmento cerâmico joeirado e manuseado, nenhum falou ainda por linguagem própria, nenhum patenteou caracteres conhecidos ou desconhecidos, que nos consentissem uma leitura ou um agrupamento linguístico”¹⁴.

Embrenhado no estudo desta necrópole, bem depressa se abstrai do vazio provocado pela falta de elementos escritos para se deixar dominar, de maneira cada vez mais absorvente, pela leitura dos documentos materiais fornecidos pela escavação, os únicos com que poderia contar.

Nele se adivinha o homem sensato e perspicaz, mas cujos processos ainda não tinham beneficiado dos recentes conhecimentos sobre técnicas de escavação em que, sondagens, mesmo as de simples pesquisa, deveriam subordinar-se à regularidade geométrica das linhas de referência.

É sintomático o que diz a certa altura da sua conferência, proferida quando do congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências realizado em Coimbra, em 19 de Junho de 1925: “Na colina ribeirinha, que domina o Sado, plácido e lodoso, sob o olival ralo, nem uma pedra avulta no terreno unido, indiciando o recheio. É necessário revolver a terra, profundar, por vezes, até 2 metros, seguindo os filões, ladeando os bancos de calcário, para encontrar as sepulturas”.¹⁵

A falta de conhecimentos técnicos é, porém, compensada, embora de maneira relativa, por um criterioso espírito de observação, auxiliado por um poder descritivo invulgar.

O 1.º período de escavações: o que sabemos acerca deste primeiro período de actividades foi levado a público através da conferência já atrás referida e subordinada ao título “A Necrópole de Alcácer”.

Apesar das naturais limitações exigidas pelo próprio carácter da conferência, a exposição do Professor Vergílio Correia revela-se de um grande valor para o conhecimento daquela jazida arqueológica.

Por ela ficamos a saber que os primeiros trabalhos de escavação foram levados a efeito em terreno quase exclusivamente ocupado por sepulturas da época pré-romana. Excluindo a área cavada na exploração de 1874, ainda então perfeitamente reconhecível, o remeximento assinalado nalguns extractos de terreno devia-se à abertura de novas fossas ante-romanas.

Segundo as palavras de Vergílio Correia, “essa primeira fase de escavações correspondera, em grande parte, somente às sondagens preliminares realizadas, aqui e ali, na vasta área do olival do Senhor dos Mártires”.

Perante esta declaração diminuem as possibilidades de que, pelo menos a parte inicial das pesquisas, tenha obedecido a um plano previamente estabelecido.

Tornada, assim, impossível a reconstituição da planta da zona explorada, os elementos recolhidos apenas poderão ser analisados tipologicamente, o que é insuficiente para determinar, com segurança, a posição cronológica e cultural da Necrópole.

As sepulturas eram, salvo raríssimas excepções, de incineração: os corpos, queimados no *ustrinum*, ficavam reduzidos a cinzas que, juntamente com algumas esquirolas ósseas, ou eram deixadas no próprio local da incineração ou recolhidas numa urna de barro, enterrada, depois, a pequena profundidade. “Naquelas sepulturas em que o despojo corpóreo foi deixado no próprio sítio da cremação, as armas, os adornos e os vasos sacrificiais estavam dispostos sobre o cinzeiro ao parecer nas próprias posições onde, aluída a pira haviam quedado; e naquelas outras em que os ossos haviam sido recolhidos em urnas, sob estas se colocavam os aprestos guerreiros e os enfeitos e ao lado, o vazilhame fúnebre, balsamário, candeias, etc.”.¹⁶

¹⁴ Vergílio Correia, “Escavações Realizadas na Necrópole Pré-Romana de Alcácer do Sal”. *O Instituto*, Vol. LXXV, 4.ª Série, 1928, p. 190.

¹⁵ *Biblos*, Vol. I, 1925, p. 350.

¹⁶ Vergílio Correia, “Uma Conferência sobre a Necrópole de Alcácer do Sal”. *Biblos*, Vol. I, 1925, p. 351.

“Simplesmente pedras calcárias ou xistosas, blocos ou lajes amontoadas ou dispostas no local da pyra ou pesando sobre a urna” denunciavam ao escavador a existência do acervo funerário. Livres de cercas ou quadros, não apresentam aquela mesma regularidade que se patenteia nas necrópoles da Meseta, onde é possível reconstituir as valas e os arruamentos que as separam, assim como determinar a disposição das suas estelas de sinalização.

O **2.º período de escavações**: como consequência das explorações prosseguidas no Outono de 1925, Primavera de 1926 e Primavera de 1927, numeroso espólio que, infelizmente, Vergílio Correia não discriminou, senão muito parcialmente, veio juntar-se ao já anteriormente obtido; “e como natural e lógica consequência da repetição dos mesmos modelos nos depósitos funerários, trouxe-nos um conhecimento mais perfeito dos ritos e práticas sepulcrais adoptados pelos habitantes de Alcácer pré-romana”.¹⁷

A área em que principalmente incidiu esta segunda fase dos trabalhos foi aquela onde se tinha verificado a cava de 1875.

Quando em Maio desse mesmo ano fora escavada no terreno de suave pendor uma vala de 30 metros de extensão destinada ao calçadouro de uma eira, e uma vez recolhidos os objectos então encontrados, tudo faria supor que mais nada houvesse a esperar daquele local.

Sondagens ali realizadas pelo Professor Vergílio Correia revelaram, porém, que, por baixo da terra então remexida, outra camada de sepulturas se deparava.

A existência de dois estratos de enterramentos que, como então se verificou, estavam separados entre si por uma camada de terra limpa (estéril) revestia-se da maior importância.

Infelizmente, o escavador não nos fornece qualquer pormenor sobre o tipo das sepulturas de um e outro estratos, limitando-se a admitir que sejam de épocas diferentes.

Esta omissão que nos priva de podermos determinar, com mais segurança, a cronologia relativa dos respectivos enterramentos é tanto mais grave quanto parece ter sido esta a única área onde se verificou a existência de dois andares de sepulturas.

Não obstante, seria injusto pensar-se que Vergílio Correia era insensível aos problemas de uma escavação. Muito pelo contrário, o seu espírito de observação e capacidade descritiva estão patentes em todos os seus escritos sobre esta matéria. Assim, o quadro que traça dos tipos de sepultura encontrados, e que passamos a descrever em seguida, são um elemento utilíssimo para o conhecimento desta necrópole.

Com a escavação nas Primaveras de 1926 e 1927 de mais de 50 sepulturas, que leva para o dobro o número de depósitos funerários descobertos anteriormente, aquele autor pode concluir da existência de quatro tipos de sepulturas cujo sistema utilizado era o de cremação, o único, aliás, que se verifica nesse cemitério.

Sepulturas do 1.º tipo: este tipo de sepulturas, que Vergílio Correia considera como o mais recente, é constituído por uma urna ossuária coberta por uma espécie de prato em tronco de cone, que sobre ele se invertia.¹⁸ Continham estas urnas restos de cinza e ossos queimados e eram depositados, a pequena profundidade, sobre as armas e adereços do defunto, os quais se apresentavam contorcidos pelo fogo ou pela “vontade dos vivos”. Junto da urna cinerária, eram colocados, por vezes, dois pequenos vasos e dois cossoiros ou fusaiolas rituais.

¹⁷ Vergílio Correia, *ob. cit.*

¹⁸ A existência de mais de uma urna no mesmo depósito, verificada, exclusivamente, nas sepulturas 8, 18 e 71, levou Vergílio Correia a interrogar-se sobre se se trataria de sepulturas individuais ou colectivas. A excessiva fragmentação dos ossos não lhe permitiu, porém, chegar a qualquer conclusão.

Todo o conjunto era cercado lateralmente ou superiormente coberto por pequenas pedras calcinadas, cujo peso, acrescido pela pressão do terreno, tinha feito estalar as vasilhas de cobertura e a boca das urnas.

Todos estes vasos são, segundo o autor, dos mesmos tipos, assemelhando-se os mais elegantes ao *hydrie* mais antigos, sem asas, e desprovido de suporte de base. O colo pode ser mais alto ou mais baixo, conforme as vasilhas, refogado, o bojo mais ou menos ventruado, sendo, porém, o perfil idêntico a todos eles. Pintados com largas bandas vermelhas, na boca, gorja e ventre, apresentam, por vezes, uma ornamentação de linhas onduladas horizontais, interceptadas a espaços e perpendicularmente por novas linhas do mesmo tipo. As taças de cobertura, que acompanham estes vasos, mostram terem sofrido um banho da mesma tinta.

Sepulturas do 2.º tipo: embora as sepulturas deste tipo se caracterizem também pelo enterramento dos despojos fúnebres em urnas, diferem do anterior não só quanto à forma destas e objectos que as acompanham, mas também quanto ao estrato que ocupam. As urnas cinerárias apresentam uma gola curta e estreita, com ou sem ossículos. Eram cobertas com lajes de xisto ou com uma espécie de testos de asado coimbrão de covo semi-esférico e abas direitas e não já com pratos de bordas cónicas.

Colocadas simplesmente sobre a própria rocha de fundo, em cavidades ovais ou elípticas, não se sobrepunham a armas dobradas ou adornos torcidos pelo fogo.

Sepulturas do 3.º tipo: este tipo de sepultura, talvez o mais generalizado na necrópole, é constituído por uma aglomeração de cinzas e ossos fragmentados que assenta ou directamente sobre a rocha do fundo ou simplesmente na terra. Esta, requeimada pelo calor desenvolvido durante a combustão do corpo, realizada *in situ*, apresenta uma cor avermelhada. Uma camada de pedras soltas ou uma capa homogénea de placas calcárias e de conglomerado, fortemente coesos, recobrem todo o depósito funerário.

O espólio, disseminado sem ordem no meio das cinzas, é constituído por armas e objectos ornamentais, assim como por pequenas vasilhas que, geralmente em número de duas, mais raramente de três, apresentam vestígios nítidos de terem sido atingidos pelo fogo que consumiu o cadáver.

Também neste tipo de sepulturas figuram as candeias abertas, de um só bico, assim como as fusaiolas rituais.

O espólio metálico característico destes depósitos é constituído por lanças de folha curta e larga, navalhas de vários modelos, placas de cinturão de garfo, fibulas circulares de arco giboso de grandes dimensões, e pelos braceletes de toro cilíndrico e sanguessugas.

Sepulturas do 4.º tipo: as sepulturas deste tipo são constituídas por uma caixa rectangular, cortada na própria rocha; apresentam, na parte central, um outro rectângulo mais pequeno e mais fundo, geralmente repleto de cinzas e de fragmentos ósseos. As suas dimensões são, geralmente, as do corpo humano, havendo-as, todavia, maiores.¹⁹

Misturadas com as cinzas, que também abrangiam a caixa maior, surgiram armas, jóias, vasilhas rituais, cossoiros e outros objectos.²⁰

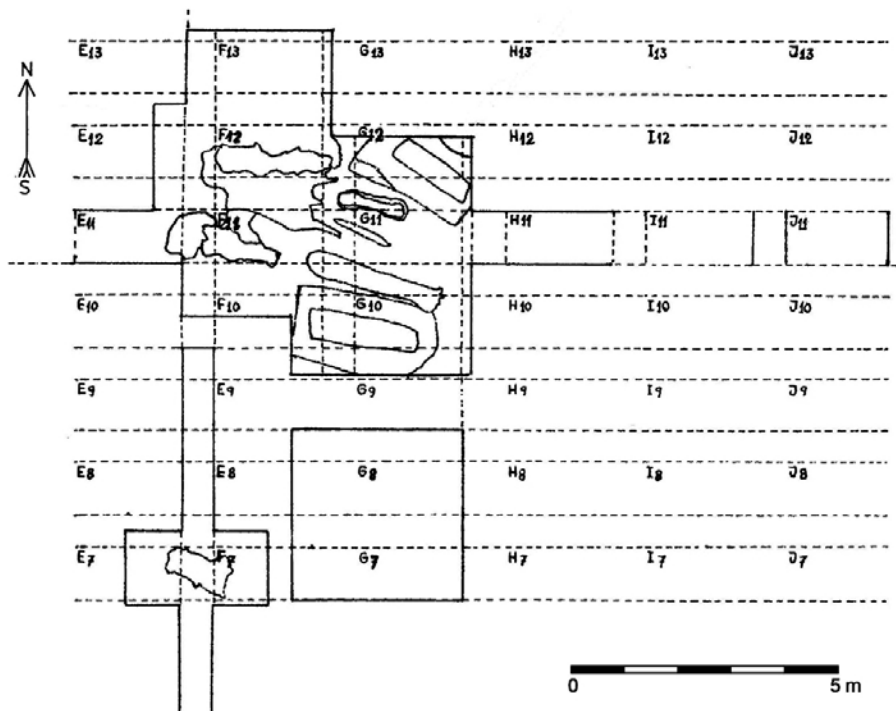
Orientadas no sentido Este-Oeste, e à superfície de cinzeiros, foram recolhidos ossos de animais sacrificados. Para proteger as jazidas, eram colocados directamente sobre as cinzas blocos calcários, por vezes de grandes dimensões.

¹⁹ A maior das fossas tumulares explorada por Vergílio Correia tinha 4 m de comprimento e 1,50 m de fundo, sendo o comprimento normal das sepulturas deste tipo apenas de 2 m.

²⁰ Vergílio Correia assinala, nas sepulturas deste tipo, os restos de instrumentos musicais e as rodas de bronze de um “carro de combate”.

3 – NOVAS CAMPANHAS DE ESCAVAÇÃO. SEPULTURAS CAVADAS NA ROCHA

Embora conscientes do real interesse que teria para o conhecimento da jazida o relato minucioso do contexto em que se integra cada sepultura, evitámos descer a pormenores que, imprescindíveis num relatório de escavações, se tornaria contudo fastidioso num trabalho de tese. No entanto, como numa escavação arqueológica a



Planta da Secção C da área das escavações mostrando as sepult. cavadas na rocha existentes entre as coordenadas E13-H13, Norte e E7-H7, Sul



Fig. 2 – Em cima: planta das sondagens realizadas com a localização das sepulturas escavadas; em baixo: mosaico fotográfico evidenciando-se a disposição das sepulturas escavadas.

constituição dos estratos e a posição relativa dos achados assumem uma importância fundamental, maior do que a dos objectos em si, não poderemos furtar-nos em certos casos, a referir alguns pormenores que reputamos essenciais para uma compreensão mais perfeita da jazida.

Quando nos deslocámos ao Olival do Senhor dos Mártires para aí iniciarmos algumas pesquisas, não fazíamos a menor ideia do local onde tinham decorrido as escavações que, havia cerca de quarenta anos, o Professor Vergílio Correia ali tinha efectuado. Nenhuma das suas publicações trazia qualquer referência circunstanciada a tal respeito. O único elemento de que dispúnhamos, muito vago, era a notícia de o espólio arqueológico ter sido encontrado a norte e a sul da igreja do Senhor dos Mártires.²¹

Perante a manifesta insuficiência destes elementos procurámos recolher algumas informações junto das poucas pessoas que habitavam aquela área, mas sem qualquer resultado.

Após aturadas buscas junto dos moradores da própria vila de Alcácer, foi possível entrar, finalmente, em contacto com um dos homens que tinham trabalhado nas cavas de sondagem levadas a efeito pelo Professor Francisco Gentil naquele olival, o qual nos indicou o lugar aproximado onde as mesmas tinham decorrido.

Situado a cerca de uma centena de metros a sudoeste da igreja do Senhor dos Mártires, é apenas assinalável por uma depressão que a água das chuvas provocou, ao afundar a terra branda.²²

Iniciar sondagens naquele local seria sujeitarmo-nos a um trabalho cujos resultados estariam, logo de início, comprometidos. No terreno revolvido até grande profundidade apenas poderíamos, quando muito, recolher alguma peça solta que, desprovida do seu contexto, pouco valor teria para o estudo que nos propúnhamos fazer.

Sem qualquer indicação que nos permitisse optar por esta ou aquela zona em especial, dedicámo-nos, então, a uma pesquisa metódica de toda a área a sul da igreja do Senhor dos Mártires, que se estende em suave declive para sul e sueste por uma superfície de cerca de 2500 m² e que antes de atingir a estrada de acesso à estação de caminhos de ferro, que passa mais abaixo, sofre a quebra acentuada de um barranco de cerca de 20 m de altura (Fig. 2).

Partindo do princípio de que a erosão tivesse deslocado alguns materiais cerâmicos para o referido barranco, pesquisámo-lo de um extremo a outro, desde a linha de água que divide o Olival do Senhor dos Mártires, a leste, até à estrada privativa dos depósitos de arroz, a ocidente.

Onde a frequência de fragmentos de cerâmica se mostrava nitidamente mais acentuada, abrimos uma linha de sondagens prolongando-se segundo a orientação norte-sul magnética.²³ Verificou-se então o aparecimento, no crivo, de alguns fragmentos de cerâmica, por vezes queimados, bem como de pequenos pedaços de carvão. No aprofundamento destas sondagens descobrimos duas sepulturas cavadas na rocha que, paralelas entre si e orientadas no sentido E-W, estavam, porém, completamente vazias²⁴ (Fig. 3).

²¹ Vergílio Correia, “Uma conferência sobre a necrópole de Alcácer do Sal”. *Biblos*, I. Coimbra, 1925, p. 348.

²² Ainda no tempo do Professor Gentil, tinha-se aberto ali uma pedreira que pusera a descoberto algumas sepulturas onde teriam sido encontradas, no dizer do nosso informador Sr. António Gomes Ferreira, armas de ferro e “candeias antigas” cuja sorte ignorava mas que, possivelmente, foram incorporadas na colecção daquele Professor. Segundo nos esclareceu ainda, os vestígios do enterramento estendiam-se mais para o sul mas, por ordem do proprietário, foi cancelado o trabalho naquela direcção.

²³ Designámo-la por secção B e nela cavámos cinco rectângulos de 1 m de largura por 2 m de comprimento (S.A.1, S.A.2, S.A.3, S.A.4 e S.A.5). *Vd.* Fig. 2. As sondagens S.A.1, S.A.2 e S.A.3 não nos forneceram quaisquer elementos úteis. Nas sondagens S.A.4 e S.A.5, a terra, que nas anteriores apresentava o tom esbranquiçado característico da rocha calcária que directamente cobria, mostrava-se agora enegrecida denotando a presença de cinzas.

²⁴ A meticulosidade com que foram despojadas do seu conteúdo não nos deixando senão pequenas e parcas esquirolas ósseas pareceu-nos verdadeiramente significativa. Tratava-se, com toda a probabilidade, de sepulturas escavadas pelo Professor Vergílio Correia.



Outro informador comunicou-nos entretanto que, vinte anos atrás, ao proceder-se à remoção de algumas toneladas de terra do Olival do Senhor dos Mártires, vários achados tinham sido feitos.²⁵

O local donde havia sido retirada a terra ficava imediatamente a oriente do alinhamento seguido pelas nossas sondagens e era assinalável por uma depressão de cerca de 30 m de diâmetro. De posse de mais este elemento orientador estabelecemos, então, uma linha de sondagens perpendicular à anteriormente traçada, que ladeava todo o rebordo norte daquela cova.²⁶ Iniciámos aí novas sondagens, abrindo mais seis rectângulos cujo aprofundamento levou à descoberta das primeiras sepulturas.²⁷

1.ª sepultura (F11). Ultrapassada a camada de terra arável onde se confundem grandes e pequenos fragmentos de cerâmica de várias épocas, desde a actual à mais remota, atinge-se uma mancha negra, não muito espessa, que parece assinalar a existência de uma

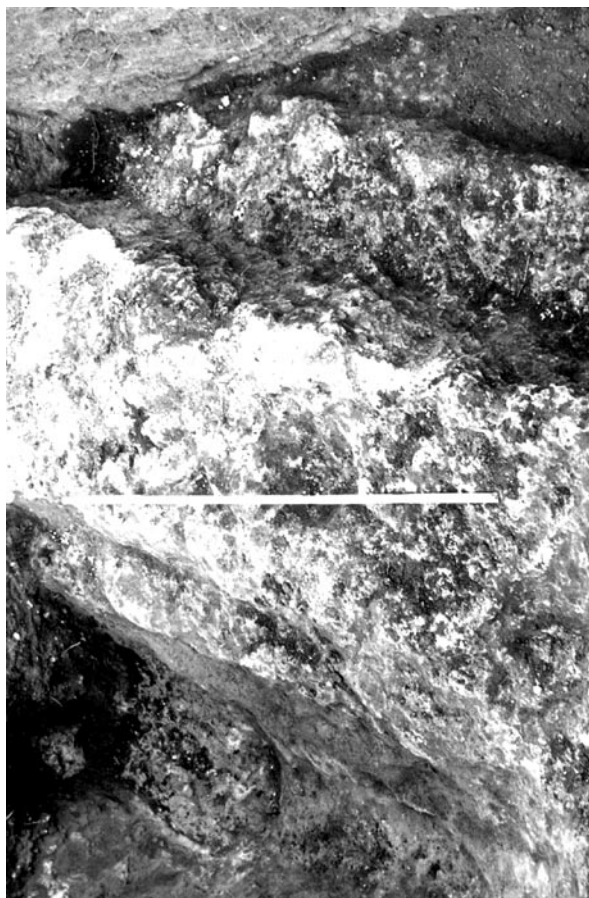


Fig. 3 – À esquerda: a sepultura 3 do talhão A2 da secção B; em cima: as sepulturas n.ºs 1 e 2 do talhão A1 da secção B (ver Fig. 2 a), ambas desprovidas de espólio, previsivelmente escavadas por Vergílio Correia.

²⁵ Este informador, o senhor António Bonito, condutor de camionetas de carga de Alcácer do Sal, informou-nos de que, havia uns vinte anos, tinha sido encarregado de transportar do Olival do Senhor dos Mártires, várias cargas de terra destinada a “adoçar” as margens do rio que, como se sabe, são salgadiças devido à proximidade do mar e que, durante essa operação, tinham sido levantadas armas de ferro cujo destino, porém, ignorava.

²⁶ Para o estabelecimento desta linha, que considerámos a principal (O-O') e que orientámos no sentido W-E, de modo a cruzar o extremo norte do alinhamento de sondagem da Secção B, os pontos de referência tomados foram, a ocidente, uma jovem oliveira que marcámos com tinta indelével e um arbusto baixo cujas dimensões exíguas nos obrigaram a tomar outros pontos de referência auxiliares, que anotámos no nosso diário de escavações.

Exactamente a 1,5 m a leste do ponto de cruzamento das referidas linhas e a 39 m a sul da casa mais próxima (habitação do senhor Manuel Cardeira), marcámos novo ponto de referência a partir do qual, e com auxílio da linha O-O', passámos a determinar todas as coordenadas relativas àquela nova área de escavações.

²⁷ Conquanto se verificasse nesta área uma frequência de fragmentos de cerâmica, maior do que a habitual, não conseguimos obter, até à profundidade de 40 cm, quaisquer vestígios que nos fizessem suspeitar da existência próxima de sepulturas. Apenas na sondagem F11, e à profundidade de 60 cm, a terra de castanha passou, quase sem transição, a negra, o que, como viemos a verificar, era indício de que tínhamos atingido uma zona de enterramentos.



Fig. 4 – Área de sondagem da secção B, avistando-se em primeiro plano, os talhões A1 e B1, onde apareceram as primeiras sepulturas.



Fig. 5 – Sondagem a sul da linha de referência O-O', orientada no sentido N-S magnético (ver Fig. 2 a).



Fig. 6 – Em cima: sondagem a norte da linha de referência O-O', orientada no sentido N-S magnético. Em último plano, vê-se a cobertura do templo gótico do Senhor dos Mártires; em baixo: sondagem orientada segundo a linha de referência O-O' (ver Fig. 2 a).

camada de enterramentos,²⁸ substituída logo a seguir por novo estrato, onde abundam fragmentos variados de cerâmica feita a torno ou manualmente. Imediatamente por baixo, situa-se o cinzeiro correspondente à sepultura F11 (Figs. 7 e 8). Cavada na rocha branda do fundo tem uma forma grosseiramente rectangular ou, mais propriamente, trapezoidal, de dimensões idênticas à da estatura humana (Fig. 9). Não apresenta qualquer camada protectora, seja ela formada por blocos de pedra ou por simples agregado de calcário.

A camada de terra imediatamente superior ao cinzeiro mostrava uma diferença de coloração evidente em relação aos estratos superiores, em virtude do recozimento obtido por acção do calor desenvolvido durante a combustão do corpo.

²⁸O crivo trouxe-nos desta camada três dentes humanos de mistura com algumas esquirolas ósseas, o que nos levou a pensar tratar-se, possivelmente, de restos humanos que, contidos outrora numa urna cinerária, tivessem sido espalhados pela remoção das terras. A confirmar esta hipótese encontrámos na mesma camada um fragmento de cerâmica fabricado a torno e com vestígios de fogo, um pedaço muito oxigenado de uma falcata, assim como os restos de uma fíbula anular muito deteriorada pela acção do fogo. A dispersão de todas estas peças não nos permite, infelizmente, concluir se pertenceriam, ou não, ao mesmo conjunto.

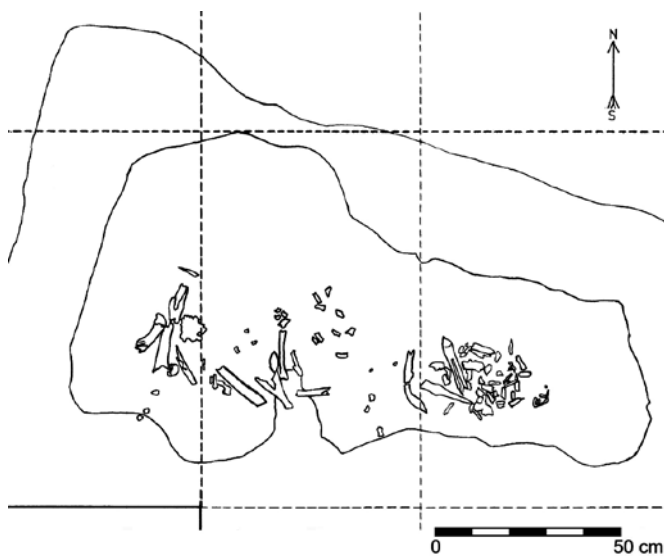


Fig. 7 - Sepultura F11 a - 95 cm da superfície.



Fig. 8 - Sepultura F11 a - 100 cm da superfície.

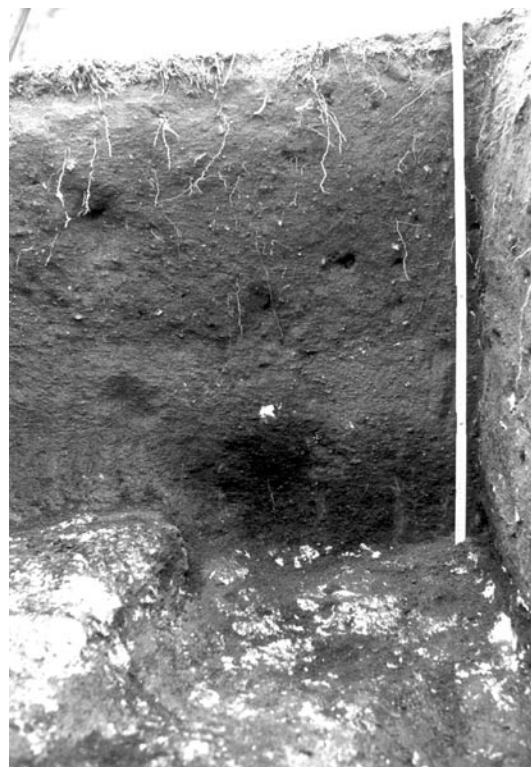


Fig. 9 - Topo ocidental da secção de sondagem F11.

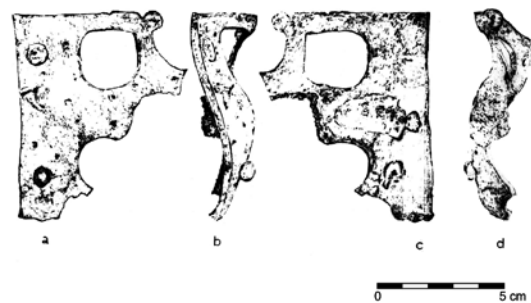


Fig. 10 - Fecho de cinturão encontrado na sep. F11 a - verso; c - reverso; b e d - perfis.

Logo abaixo desta primeira camada de ossos encontravam-se os fragmentos muito deteriorados de um fecho de cinturão (Fig. 10) e de uma xorca cujo aro de cobre, de forma tubular, assim como os pendentos de bronze, se achavam visivelmente alterados pela acção do calor e da calcificação (Figs. 11 e 12). Em nível inferior ao destes objectos e pousado na rocha do fundo deparámos ainda com um feixe de armas composto por três folhas de lança de um tom acinzentado, soldadas entre si pela calcificação (Fig. 13).

Um pouco mais a leste destas lanças, e igualmente depositados sobre a rocha do fundo, figuravam também dois contos de lança muito oxidados, uma faca afalcatada e alguns fragmentos do que parecia ser um aro metálico de pequeno diâmetro e débil espessura.

Observada na sua totalidade, esta sepultura leva-nos a supor que o corpo do defunto tenha sido queimado conjuntamente com os seus objectos ornamentais e as suas armas (Fig. 14). Os fragmentos do crânio e os dentes,



Fig. 11 - Espólio encontrado no meio das cinzas da secção de sondagem F11.



Fig. 12 - Fragmentos do aro de uma xorca e respectivas sanguesugas, fecho de cinturão, fíbula, haste de ferro e fragmentos.

que parece, ao faltar-lhes o apoio em virtude da quase total combustão deste, teriam acabado por tombar sobre a rocha do fundo, ficando o fecho do cinturão e a xorca, de menor densidade que as armas, numa camada intermédia, envolvidos pelo núcleo de cinzas.

2.^a sepultura (G11). O terreno da sondagem G11, de características muito semelhantes às das restantes da mesma secção, mostra um remeximento idêntico e a mesma abundância de fragmentos de cerâmica romana, actual e de tempos mais remotos.



Fig. 13 - Feixe de três folhas de lança poisado no fundo da sepultura E11- F11.



Fig. 14 - Ossos humanos encontrados no estrato de cinzas sob o murete separatório E11-F11 (obs.: na verdade a maioria senão a totalidade dos restos observados pertencem a animais ritualmente sacrificados ou consumidos aquando das cerimónias fúnebres).

encontrados perto do extremo ocidental da sepultura, permitem-nos concluir ainda que o corpo, antes de ser submetido à acção do fogo fora colocado no sentido E-W, com a cabeça para poente.

As lanças, depostas previamente sobre o corpo, ao



Fig. 15 – Sepultura G11 mostrando a camada de areia granulosa cozida pelo calor. Imediatamente por cima, manchas de cinza, onde apareceu o escaravelho n.º 2 (obs.: trata-se de escaravelho de espinela, publicado pelo autor (PAIXÃO, 1971, Est. 2, n.º 2).



Fig. 16 – Outro aspecto da mesma sepultura, aos pés da qual se vêem três costelas de bovino.



Fig. 17 – Visão vertical do rectângulo situado por baixo da sepultura G11 Sul e do espólio colocado sobre a camada de protecção da sepultura G 11.

A partir de apenas 30 cm de profundidade, onde estratos de terra enegrecida se afundam no solo descaindo obliquamente para leste²⁹, fragmentos de cerâmica actual e romana, muito abundante à superfície, vai desaparecendo, gradualmente, substituídos pelos de maior antiguidade.³⁰ Numerosos fragmentos ósseos e alguns pedaços de metal, incharacterísticos, completam o panorama (Figs. 15 e 16).

À profundidade de cerca de 90 cm a terra, até aí de coloração escura, toma um tom acinzentado, desaparecendo, completamente, os vestígios cerâmicos.

Imediatamente por baixo surge nova sepultura cavada na rocha como a anterior, mas de dimensões muito mais reduzidas³¹ (Fig. 17). Os ossos que continha, meio calcinados, eram humanos e ultrapassavam largamente

²⁹ Estes estratos, cuja inclinação era de 35°, estendiam-se ainda pelo interior da barreira deixada a norte pelo rebaixamento da sondagem G11 e pela redução do murete F11 – G11 que, dada a orientação tomada pela escavação, nos pareceu desnecessário manter.

³⁰ Se houve na área restrita desta sondagem alguma urna cinerária, os trabalhos de lavoura decerto a quebraram, espalhando-se o seu conteúdo por uma área mais ou menos extensa, difícil de delimitar.

³¹ Se não fora a grande quantidade de ossos que continha, facilmente teríamos tomado o pequeno sulco que a constituía por um acidente natural da própria rocha. De cerca de 80 cm de comprimento por 20 cm de largura, a sua profundidade não ia além de uns escassos 5 cm.

a sua pequena capacidade achando-se o canto ocidental ocupado, sobretudo, por fragmentos cranianos com vestígios nítidos de terem sofrido a acção do fogo. Sem qualquer espólio cerâmico ou metálico que permita determinar a época a que pertence esta sepultura, apenas o rito da incineração e a posição relativa face à sepultura anteriormente descoberta e às restantes, que se viriam depois a descobrir, nos permitem supô-la da mesma época. Um facto interessante a assinalar foi o da descoberta a seus pés de um fragmento não calcinado de um osso de bovídeo.

3.^a sepultura (G11N). Com o aprofundamento da sondagem G11 e do murete divisorio que o delimitava a oriente, obteve-se um corte que, diferentemente do que tinha acontecido na descoberta das precedentes sepulturas, permitia verificar a disposição relativa das diferentes camadas estratigráficas que se sobrepunham à mesma sepultura.

Ultrapassada a camada de terra arável cujas características em nada diferiam das verificadas nas precedentes sondagens, sucede-se uma camada de cinzas com sinais nítidos de remeximento. A seguir, um estrato de terra castanha e, imediatamente por baixo, uma densa mancha de cinza negra que, disposta em declive, parecia assinalar a existência de um acervo funerário onde, porém, não se vislumbraram quaisquer fragmentos de ossos. Aí foi achado o escaravelho³² maior e o mais perfeito dos encontrados durante esta escavação, o qual, envolto por um compacto núcleo de cinzas, não se fazia acompanhar por qualquer outro espólio (Fig. 18).

O extremo inferior deste estrato de cinzas assentava directamente sobre uma camada de terra compacta e acinzentada, desprovida de qualquer espólio cerâmico ou ósseo, que cobria directamente a sepultura cavada na rocha. Orientada como as restantes no sentido sudoeste-noroeste, é pouco profunda e apresenta a forma de um “oito” oblongo. Para além dos abundantes fragmentos de ossos calcinados que continha, nenhum vestígio de metal ou barro nela foi encontrado.

4.^a sepultura (G11S). A existência desta sepultura foi detectada pela presença de uma densa mancha de cinzas, visível no corte sul da sondagem F11-G11, quase ao nível da rocha do fundo (Fig. 19).

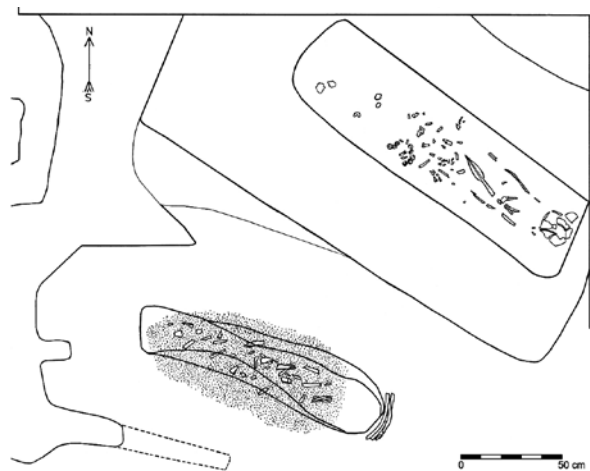


Fig. 18 - Sepultura G11 norte e G12.



Fig. 19 - Aspecto do corredor F11-G11, onde se avistam o sulco cavado na rocha da sepultura G11 Norte e, à esquerda, na barreira de terra, a mancha de cinzas correspondente à sepultura G 11 Sul.

³² Que este escaravelho não fazia parte do conteúdo da sepultura que lhe ficava imediatamente por baixo é um facto. Porém, não podemos pôr de parte a hipótese de que tenha sido colocado sobre a terra que cobria a mesma sepultura, durante uma possível cerimónia em honra do defunto.

As características das camadas de terra supra-jacentes não diferem muito das verificadas nas sondagens anteriores. Até 40 cm de profundidade abundam, sobretudo, fragmentos de cerâmica romana de pequenas dimensões, de mistura com pedaços de ferro e cobre incaracterísticos e esquirolas ósseas calcinadas. O mesmo panorama mantém-se até cerca de 80 cm de profundidade, residindo a única diferença no facto dos fragmentos cerâmicos apresentarem maiores dimensões.

Antes de atingidas as cinzas que cobrem a sepultura assinalada, a existência de fragmentos de ossos humanos meio calcinados, dispostos horizontalmente, permitem concluir tratar-se de acervo funerário cuja relação com a sepultura que lhe fica mais abaixo não é fácil de precisar (Fig. 20). A posição dos ossos cranianos espalhados a Oeste mostram que o corpo foi ali colocado na posição E-W, usual nos enterramentos deste tipo.

Contrariamente ao que costuma verificar-se, o calor desenvolvido durante a combustão do corpo não provocou um acentuado recozimento da terra circundante.³³

À camada de terra onde se localiza o acervo funerário sucede o denso cinzeiro atrás referido que, prolongando-se pelo interior do corte da barreira, descai progressivamente para sul. Apesar de se espalhar por cima de um rectângulo grosseiramente cavado na rocha que lhe é subjacente, tudo leva a crer que pertença a uma outra sepultura paralela àquela e situada um pouco mais a sul. A ausência de ossos humanos no interior deste rectângulo permite supor tratar-se de uma sepultura que, por qualquer motivo desconhecido, tivesse sido esvaziada do seu conteúdo ainda na época daqueles enterramentos ou que até nunca chegasse, porventura, a ser utilizada.

5.^a sepultura (G10) (Figs. 21, 22, 23 e 24). Situada à profundidade de 110 cm, as camadas de terra que se lhe sobrepunham, muito remexidas junto da superfície, abundavam em fragmentos de cerâmica de diferentes épocas. Estes fragmentos, cujas dimensões, de um modo geral aumentavam de tamanho à medida que se aprofundava a escavação, começavam a rarear a partir dos 80 cm. Aos 85 cm desapareceram completamente,

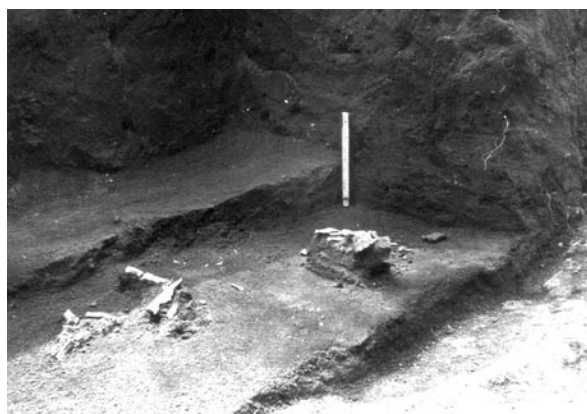


Fig. 20 – Sepultura G11 Sul, colocada imediatamente sobre a terra cozida que cobre a sepultura G11, situada um pouco mais a sul e em nível inferior àquela.

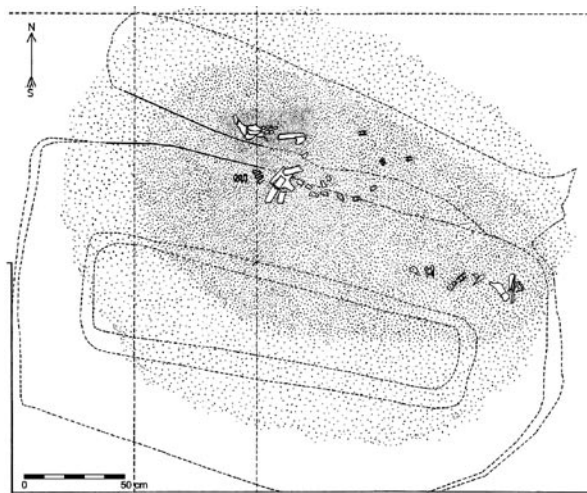


Fig. 21 – Sepultura G10 a - 105 cm da superfície.

³³Uma vez que os fragmentos ósseos, apesar de submetidos à acção do fogo, nos permitem distinguir uma certa regularidade na sua disposição, pomos de parte a hipótese de que para ali tenham sido transportados após incineração levada a cabo noutro local. O débil recozimento da terra que os envolve deve-se talvez à circunstância do corpo ter sido colocado na terra e não sobre a rocha do fundo onde as temperaturas elevadas se mantêm geralmente durante mais tempo.

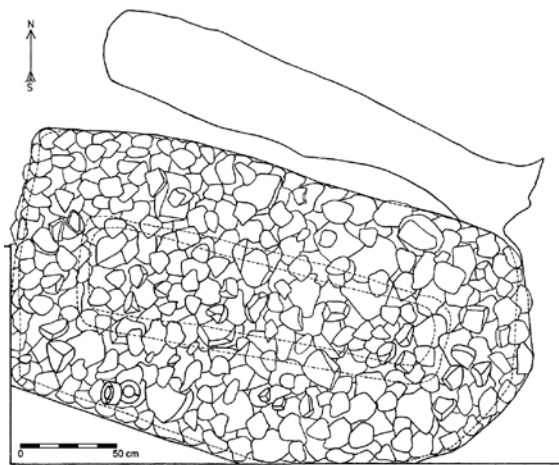


Fig. 22 - Sepultura G10 a - 110 cm da superfície.

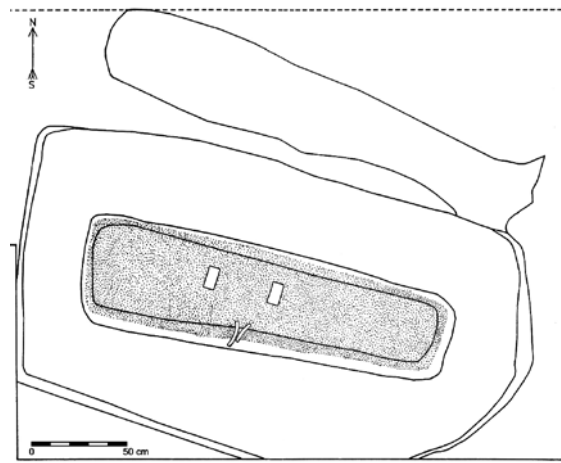


Fig. 23 - Sepultura G10 a - 140 cm da superfície.

mostrando o respectivo estrato uma cor e consistência que denunciavam a proximidade imediata duma fonte de calor. Ultrapassado este estrato, surge uma densa camada de cinzas de cor negra e gordurosa, onde aparecem os primeiros objectos metálicos pertencentes àquela sepultura.

Ao centro, e numa posição que correspondia ao espaço existente entre esta mesma sepultura e a anteriormente escavada, estava colocado um fecho de cinturão de bronze, de forma losânguica, que se fazia acompanhar de dois colchetes filiformes, de cobre (Figs. 25 e 26).

Em contacto com ele viam-se alguns fragmentos de costelas de bóvidos que tinham adquirido uma coloração esverdeada devido à oxidação do fecho do cinturão a que estavam apoiados. Poucos centímetros mais a noroeste, outros ossos do mesmo animal estavam depositados sobre a acção do calor, apresentando dois deles sinais nítidos de corte com instrumento de gume.

Na parte oriental do cinzeiro encontravam-se dispersas em grande número, peças metálicas em forma de pequenas braçadeiras, destinadas, certamente, a ligar objectos de material perecível de que se não encontrou o menor vestígio. No extremo do outro lado jaziam duas outras peças metálicas compostas por dois elementos de cobre em meia cana, ligados entre si por três rebites do mesmo metal (Fig. 27).

A camada de cinzas sobre a qual estes objectos se encontravam depostos tinha uma espessura que oscilava entre dois e cinco centímetros. Imediatamente por baixo dela um denso aglomerado de pedras enegrecidas pela presença de cinzas, a resguardar os restos contidos no túmulo cavado na rocha (Figs. 28 a 30). Sobre as pedras de protecção, e na parte mais ocidental da sepultura, dois aros de ferro do cubo de uma roda de carro (Figs. 30, 31 e 32). Aliviada a sepultura dos blocos de pedra que a cobriam, foram descobertos ainda dois outros aros de ferro enterrados no cinzeiro (Figs. 30, 31 e 33), assim como duas outras peças, também de ferro, cuja utilidade se desconhece.

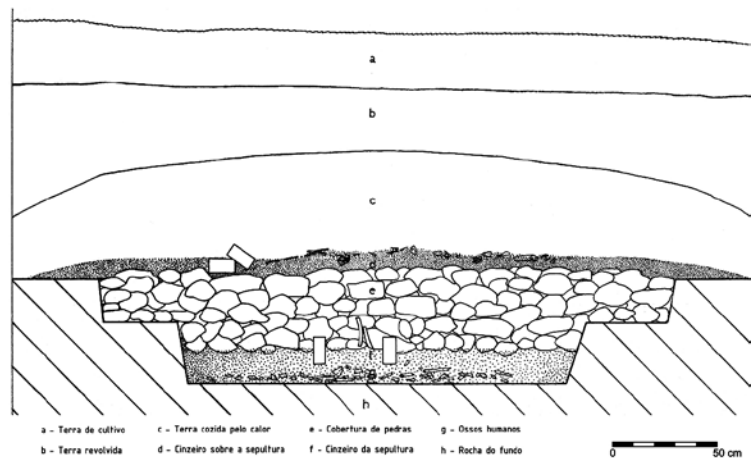


Fig. 24 - Corte da sepultura G10.

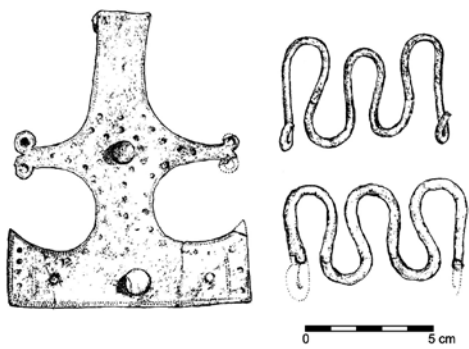


Fig. 25 – Fecho de cinturão encontrado sobre a sepultura G10 e colchetes que o acompanhavam.

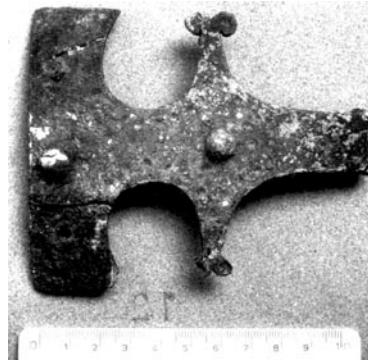


Fig. 26 – Fecho de cinturão de um só gancho encontrado entre as cinzas que cobriam a sepultura G10.



Fig. 27 – Reconstituição da fibula encontrada no cinzeiro que recobria a sepultura G10.

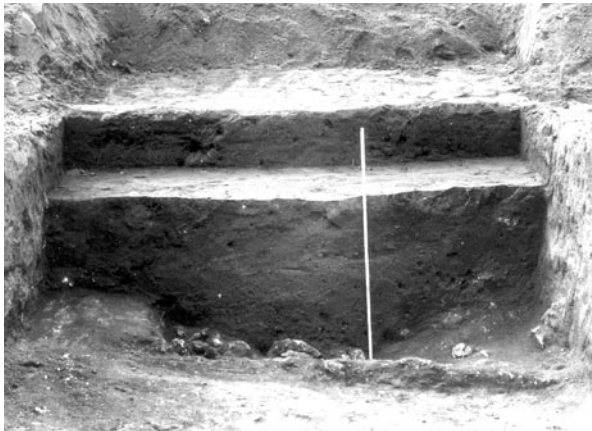


Fig. 28 – Corte do terreno, mostrando o rebordo norte da sepultura G10 e parte da cobertura de pedras que a protege.

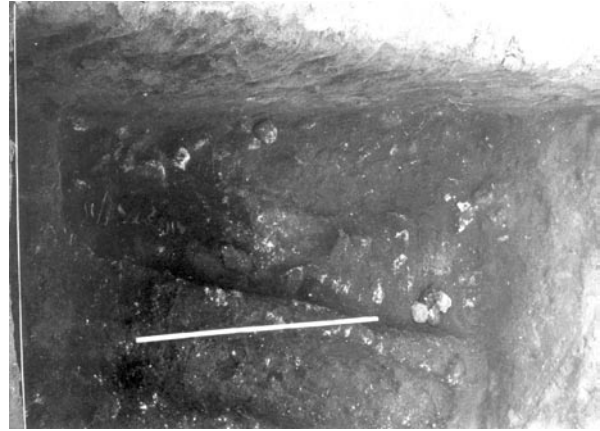


Fig. 29 – Outro aspecto da sepultura G10, notando-se a sua camada de pedras e, à esquerda, parte do espólio que a cobria.

Decerto, pelo contacto directo com o calcário do fundo, os ossos contidos na sepultura, muito fragmentados, apresentavam uma cor branco-acinzentada.

6.^a sepultura (F12). Situada a norte da sepultura F11, e a ela paralela, encontrava-se apenas a 60 cm de profundidade. A reduzida camada de terra que a cobria, revolvida pela lavoura, não permitia qualquer estratificação, sendo a cerâmica, que nela se encontrava, dos mais variados tipos e épocas. Sem qualquer cobertura protectora, esta sepultura é constituída por uma reentrância oblonga, grosseiramente rectangular, de cerca de dois metros de profundidade, aproximadamente. Repleta de cinzas e de ossos calcinados, não continha qualquer espólio cerâmico ou metálico.

7.^a sepultura (E7 - F7). Esta sepultura localizava-se a acerca de cinco metros a sul da sepultura F11 e apenas à reduzida profundidade de quarenta e cinco centímetros. Sem qualquer cobertura de protecção, o seu comprimento era de um metro e trinta centímetros e continha grande quantidade de ossos e cinzas (Fig. 34). Faziam ainda parte do espólio, além de um segmento de ferro, de pequenas dimensões, com rosetas de bronze enfeitadas por sulcos irradiantes nos extremos, um fecho de cinturão fêmea, de ferro, e uma faca afalcatada do mesmo metal (Fig. 35).

Todos estes objectos se encontravam depositos aos pés da sepultura (Fig. 36). A faca (Fig. 37), pousada lateralmente sobre o rebordo interno da sepultura, tinha adquirido, pela acção do calor da combustão do corpo, a curvatura da anfractuosidade rochosa em que estava apoiada.

Embora as sepulturas cavadas na rocha pareçam, pela sua forma e dimensões, denunciar a transição entre os ritos de inumação e de incineração, a ausência de outros elementos característicos da Idade do Bronze não nos permite aceitar esta ideia, enquanto não surgirem mais elementos suficientemente válidos que o justifiquem.

É certo que a regularidade manifesta na disposição das sepulturas de Alcácer do Sal nos levou, inicialmente, a tentar ver aí uma analogia com os alinhamentos de sepulturas cavadas na rocha das

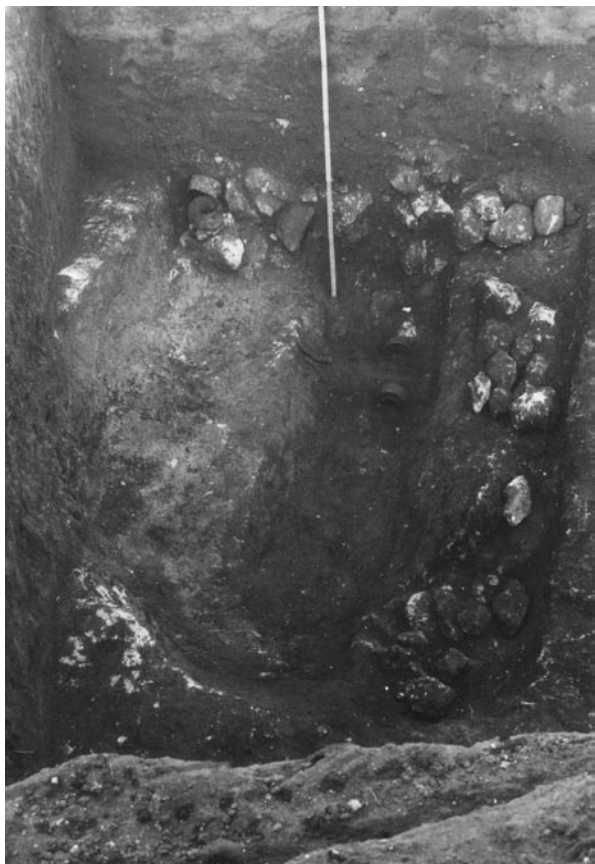


Fig. 30 - Aspecto da sepultura G10, mostrando a sua configuração geral e parte da respectiva cobertura de pedras.

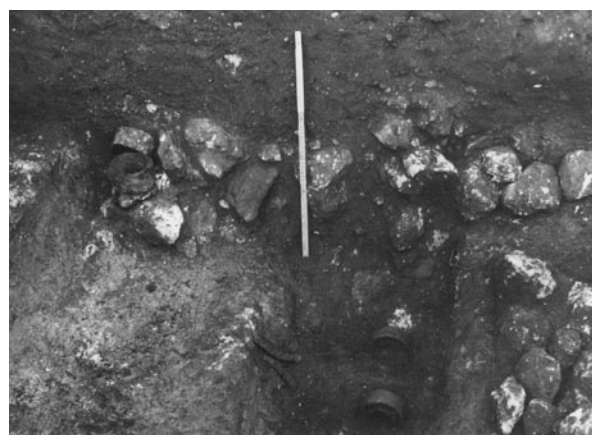


Fig. 31 - Pormenor da parte ocidental da sepultura G10, mostrando, em cima, à esquerda, e em baixo, ao centro, quatro cubos de ferro de rodas de carro.

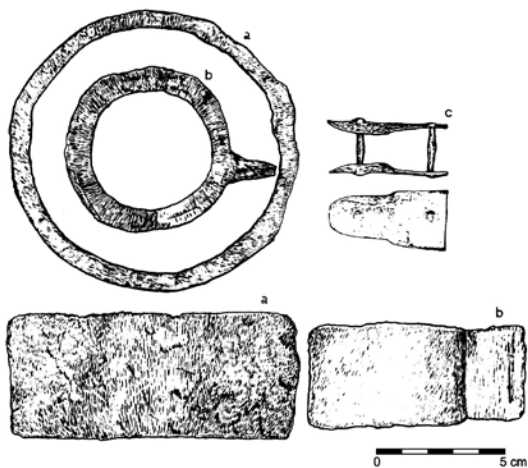


Fig. 32 - Cubo de uma roda encontrado na sepultura G10.



Fig. 33 - Aros de ferro pertencentes a cubos de roda encontrados na sepultura G10 e segmentos de ferro de utilização desconhecida.



Fig. 34 - Sepulturas E7-F7 mostrando, de mistura com as cinzas da combustão, numerosos fragmentos ósseos.



Fig. 35 - extremo oriental da sepultura E7-F7, onde, uma vez retiradas as cinzas, foram encontrados alguns objectos de ferro, entre os quais uma faca afalcatada e a colcheta de um fecho de cinturão.



Fig. 36 - faca afalcatada, haste de ferro com rosetas terminais, colcheta de ferro e fragmentos incaracterísticos de cobre da sepultura E7-F7.

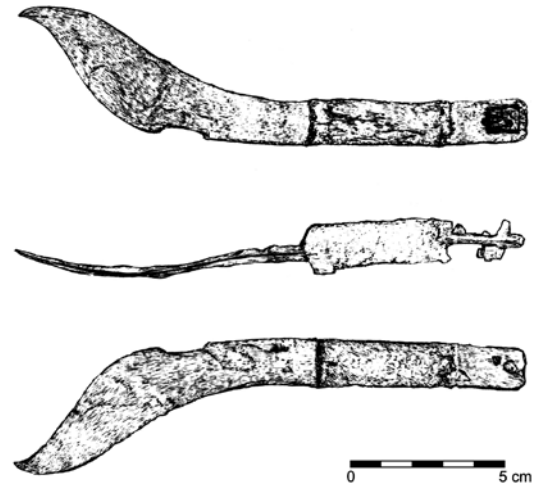


Fig. 37 - Três aspectos da faca afalcatada de ferro encontrada na sepultura E7-F7.

necrópoles da Idade do Bronze algarvias.³⁴ Porém, as exíguas dimensões dos rectângulos que as compõem, os quais possuem pouco mais de meio metro de comprimento por cerca de vinte centímetros de lado, depressa fizeram afastar de nós esta hipótese.

Nota: No texto não se encontra descrita a sepultura G12, a qual, no entanto se encontra devidamente registada em planta e fotograficamente (Fig. 2). A importância desta sepultura é evidenciada não só pelas suas características bem evidenciadas pela documentação iconográfica (Figs. 38 a 40), como pelo espólio fornecido, destacando-se uma ponta de lança de ferro e um conjunto de “sanguessugas” de bronze de uma xorca (Fig. 41).

³⁴ Estácio da Veiga, *Antiguidades Monumentais do Algarve*, Tom. IV. Lisboa, 1891, p. 236.

4 - CONCLUSÃO

Resta-nos tirar algumas conclusões em que procuraremos integrar os resultados destas pesquisas num contexto tanto quanto possível mais vasto.

O estudo dos materiais obtidos nas escavações do Professor Vergílio Correia e nas que são objecto do presente trabalho leva-nos a concluir da existência de diferentes fases de ocupação deste cemitério, a mais antiga das quais mostra características muito semelhantes às de Hallstatt D. A razão desta cronologia assenta na concorrência dos dados de natureza tipológica e dos que nos são fornecidos pela presença numa das sepulturas de incineração de um escaravelho egípcio ou egíptiano com inscrição de Psamético I, que reinou de 663 a 609 a.C.

Importa chamar a atenção para a coincidência destes dois dados que mutuamente se confirmam sem o que haveria muita dificuldade em estabelecer a datação deste último elemento estranho apenas pela sua inscrição uma vez que poderia tratar-se de uma imitação posterior ou ter sido deixado antes da ocupação da necrópole, o que aliás nos parece altamente improvável dadas as circunstâncias da sua descoberta.

Estabelecida a cronologia aproximada deste primeiro período de ocupação, tira-se daí uma ilação do maior interesse: prova-se a coincidência de contactos com o mundo mediterrânico cuja frequência é, porém, difícil de determinar. No entanto, esses contactos deveriam ter-se mantido com uma certa regularidade. Na verdade, a descoberta de mais três escaravelhos a que julgamos poder atribuir a datação dos séculos VI a IV a.C. prova a continuação de tais contactos durante aqueles séculos, os quais se realizariam, provavelmente, através do comércio fenício. Esta circunstância leva-nos a aproximar a necrópole do Senhor dos Mártires das estações andaluzas do alto e baixo Guadalquivir, onde os testemunhos da fusão entre o celtismo e o orientalismo permitem delimitar um complexo cultural de características bem diferenciadas.

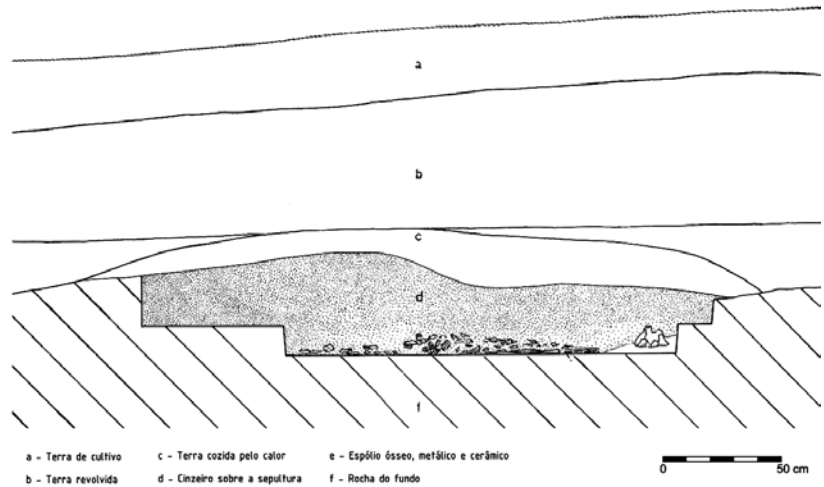


Fig. 38 - Corte da sepultura G12.



Fig. 39 - Secção da sepultura G12, mostrando, a partir de 90 cm de profundidade, as primeiras cinzas da sepultura.

No entanto, a grande abundância, naquelas estações, de objectos vindos do Oriente contrasta com a relativa pobreza destes materiais na necrópole do Senhor dos Mártires.

Este facto leva-nos a estabelecer a hipótese de que, imediatamente após os primeiros contactos com o mundo mediterrânico levados a cabo pelos navegadores fenícios (ou cartagineses) se teriam dado a sua interrupção durante alguns decénios. Aqueles só se viriam a reatar com maior intensidade, sobretudo, a partir dos princípios do século IV a.C., altura a que se deve a importação dos vasos áticos encontrados nesta necrópole.

Não podemos, no entanto, deixar de apresentar outra hipótese que é a do contacto indirecto por importação, não através dos Fenícios, mas dos próprios autóctones das estações do Guadalquivir que, por permuta, guerra, roubo ou qualquer outra forma de contacto instável, teriam trazido aqueles objectos que por morte dos seus portadores ou utentes, ficariam a fazer parte do espólio desta necrópole.

Não pretendendo aprofundar aqui o tão discutido problema do predomínio comercial dos Fenícios ou Gregos nestas paragens, recordamos apenas que dos dados arqueológicos já estudados se depreende que o comércio fenício com o Ocidente, cujo móbil principal seria a busca de estanho, ouro e cobre, teria atingido o seu auge no século VIII a.C. e que, não obstante a queda de Tiro em 750 a.C. e a ocupação da Fenícia por Salmanasar V e Sargão I, entre 724 e 720, o seu predomínio comercial se teria mantido ainda durante vários anos, centrado sobretudo na rica Tartessos.

Pertencem a esta época as estações de Acebuchal, Carmona, Setefilla e Carambolo cujos materiais apresentam um indiscutível parentesco com os da necrópole de Alcácer, sobretudo quanto ao espólio cerâmico, sendo porém nitidamente mais numerosos os objectos orientalizantes nelas encontrados, fenómeno que poderá explicar-se pela sua situação mediterrânica e, sobretudo, pela indesmentida riqueza mineira da região.

Não nos poderemos esquecer, porém, de que Alcácer do Sal, tal como Gades e Ibiza, não nos forneceu até agora quaisquer objectos de data anterior ao século VII a.C., circunstância que parece indicar um mais tardio e menos frequente contacto com estas paragens o que não implica, claro está, a inexistência de viagens de carácter explorativo, anteriormente a esta época.

Durante a segunda fase de ocupação da necrópole do Senhor dos Mártires, caracterizada pelas sepulturas do primeiro, segundo e terceiro tipos da classificação de Vergílio Correia, que constituem variante radical em relação à do quarto tipo da mesma classificação, a presença de vasilhas gregas dos séculos V e IV a.C., pertencentes sobretudo ao seu período final, traduz, segundo tudo indica, um reflexo da acção colonial grega na Península Ibérica.

Não pode mesmo deixar de se relacionar a existência deste tipo de espólio com o ressurgimento das antigas feitorias de Alonai e Akra Leuké (Alicante) na costa sudeste da Península, o qual se verificou talvez



Fig. 40 – Visão vertical da sepultura G12, em cujo extremo se acumulam os fragmentos de uma vasilha de ossos humanos e uma lâmina de lança. Nota-se, na parte média, um bracelete de sanguessugas muito fragmentada.

ainda durante a parte final do século V a.C. Se se trata de relações directas ou indirectas, tal como no caso anterior, eis o que não nos é possível definir por agora.

O estudo da necrópole do Senhor dos Mártires proporcionou-nos ainda alguns considerandos sobre a influência céltica nesta zona.

Apesar da presença de numerosos objectos de carácter celtizante nas sepulturas desta necrópole, tal circunstância deverá, quanto a nós, ser interpretada não como reflexo do constante afluxo de povos vindos de além-Pirenéus mas como resultado de uma evolução técnica e cultural quase autónoma, feita embora a partir de padrões iniciais de influência halstática, trazidos por povos que, uma vez alcançado o litoral atlântico, teriam permanecido longo tempo desligados do núcleo originário.

Não hesitamos em considerar o cemitério do Senhor dos Mártires como pertencente a uma área cultural dotada de vida própria, muito mais voltada aos contactos com os povos da orla marítima do que com os do interior peninsular. Poré, apesar da presença de certas vasilhas cerâmicas muito semelhantes às da orla mediterrânica da Península, de tais contactos não parece ter resultado qualquer integração no mundo Ibérico ou mesmo tartéssico.

O contacto com o Mediterrâneo deve ter-se verificado, pois, não através da faixa costeira, de evidente descontinuidade cultural, mas através de contactos comerciais, cuja intensidade e frequência apenas será possível determinar pelo estudo de conjunto do espólio deste cemitério e do da área habitacional do povo que a utilizou.

Em suma, na necrópole do Senhor dos Mártires confluem dados que demonstram a presença activa, no extremo ocidental da Península, da influência, directa ou indirecta, fenícia, grega e céltica durante o período de tempo que decorre entre os séc. VI e III a.C.



Fig. 41 – Ponta de lança e sanguessugas encontradas na sepultura G12.

REFERÊNCIAS

Nota

Apenas se menciona a bibliografia relativa à necrópole do Olival do Senhor dos Mártires que é da autoria do Dr. António Cavaleiro Paixão, já que as restantes obras por ele utilizadas na redacção da sua tese, ou se encontram mencionadas em notas de rodapé, fazendo parte integrante do texto ora reproduzido, ou respeitam a partes da obra original que, por manifestamente se encontrarem desactualizadas, não foram seleccionadas para publicação. A excepção é a síntese, recentemente publicada, sobre a investigações realizadas na necrópole sadina desde a sua identificação, no século XIX, que actualiza o enquadramento histórico apresentado por A. Cavaleiro Paixão, acima reproduzido.

O Dr. António Cavaleiro Paixão produziu ainda alguns contributos sobre o núcleo romano desta necrópole, o qual, já abordado na sua tese de Licenciatura, foi por ele ulteriormente intervencionado. Por não se enquadrarem na temática seleccionada, tais fontes bibliográficas não foram agora consideradas.

GOMES, F. B. (2015) – The Olival do Senhor dos Mártires necropolis (Alcácer do Sal) in the context of the Iron Age funerary practices of the Southwestern Iberian Peninsula. *Death as Archaeology of Transition: thoughts and materials*. BAR International Series 2708, p. 327-341.

PAIXÃO, A. M. C. (1970) – *A necrópole do Senhor dos Mártires – Alcácer do Sal. Novos elementos para o seu estudo*. Dissertação para Licenciatura em Ciências Históricas apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Não publicada.

PAIXÃO, A. M. Cavaleiro (1971) – O recente achado de três escaravelhos na necrópole do Senhor dos Mártires, em Alcácer do Sal. *2.º Congresso Nacional de Arqueologia (Coimbra, 1970)*. Actas. Coimbra: Junta Nacional da Educação, 1, p. 309-314.

PAIXÃO, A. C. (1983) – Uma nova sepultura com escaravelho da necrópole proto-histórica do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV, 1, p. 273-286.

PAIXÃO, A. C. (2001) – Alcácer do Sal proto-histórica no contexto mediterrânico. In: *Os Púnicos no Extremo Ocidente*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 149-172.